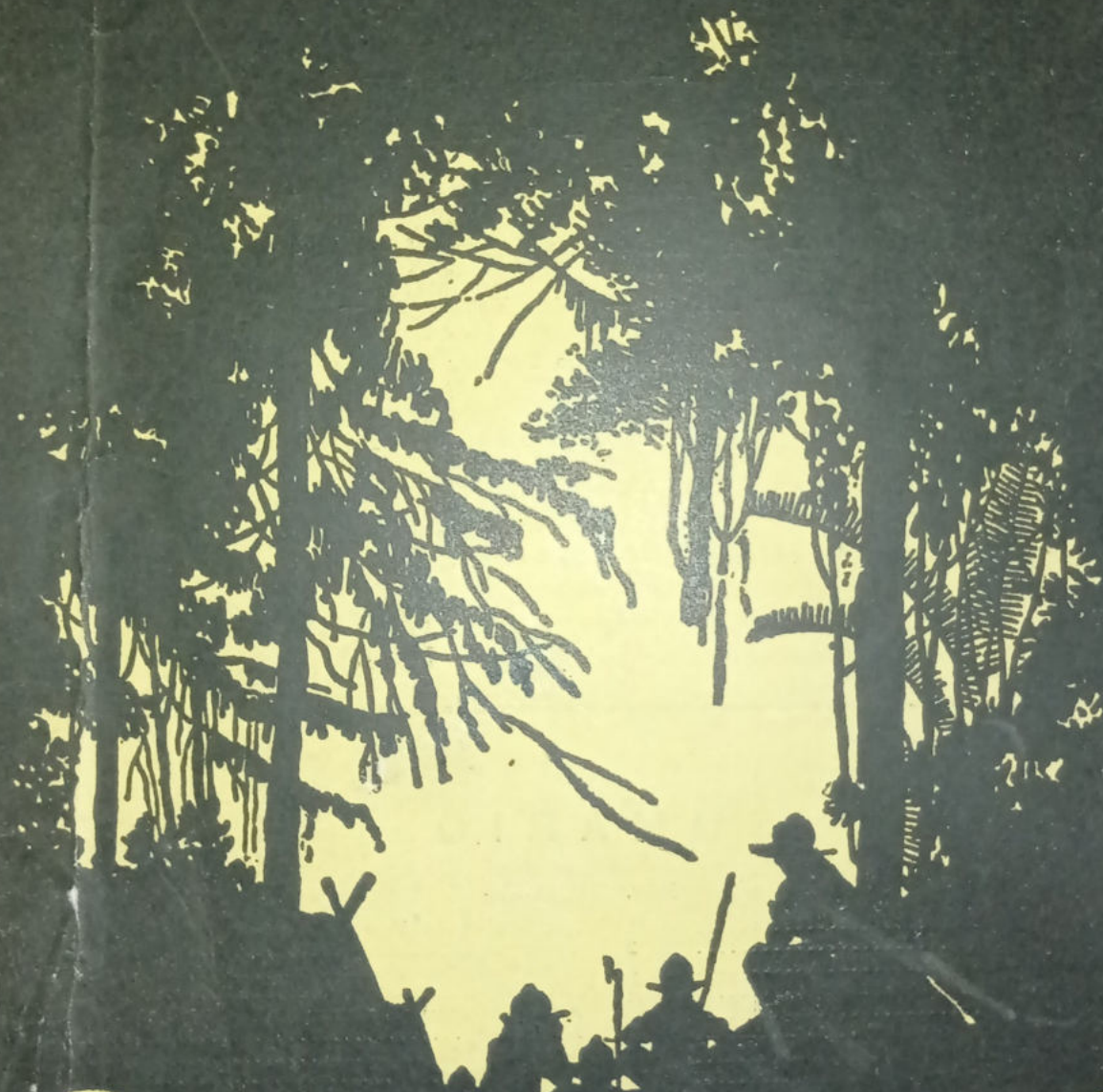


Alerta!



N.º 58
NOVEMBRO
DEZEMBRO
DE 1954
ANO VIII



Alerta!

AV. RIO BRANCO, 108-3.º — CAIXA POSTAL 1.734
TELEFONE: 42-3944 — ENDEREÇO TELEGRAFICO «ESCOTISMO»
RIO DE JANEIRO (BRASIL)

REVISTA BIMENSAL ILUSTRADA, CONSAGRADA AO DESENVOLVIMENTO E A DEFESA
DO ESCOTISMO E, POIS, A EDUCAÇÃO MORAL, INTELECTUAL E FISICA DA MOCI-
DADE BRASILEIRA.

REPRESENTANTES — São representantes da revista «ALERTA!»:

PERNAMBUCO — Arlindo Ivo da Costa — Caixa Postal, 1.049 — Recife — Estado de Per-
nambuco.

MINAS GERAIS — Dr. F. Floriano de Paula — Rua Siderose, 97 (Sto. Antonio) — Belo
Horizonte — Estado de Minas Gerais.

SÃO PAULO — Lourival C. Pereira — Rua 24 de Maio, 104-14.º andar — S. Paulo — Estado
de S. Paulo.

PARANÁ — Bernardo Masson — Rua Barão do Rio Branco, 36 — Ap. 3 — Curitiba — Estado
do Paraná.

RIO GRANDE DO SUL — Walter Rüdiger — Caixa Postal, 486 — Pôrto Alegre — Estado
do Rio Grande do Sul.

PORTUGAL — Eduardo Ribeiro — Tr. Vitorino de Freitas, 9 (Ajuda) — Lisboa — Portugal.

PERMUTA — A revista «Alerta!», solicita permuta com outras publicações.
Exchange Requested — On Demande Echange — Pidese Canje.

PREÇOS — Número avulso, Cr\$ 3,00.

Assinaturas de 6 números — Cr\$ 15,00; de 12 números Cr\$ 30,00.

SUMÁRIO

	Pág.		Pág.
Sistema de Patrulhas	1	Atividades da Região Escoteira do Paraná	16
Mensagem do C.N.	2	Viver o Escotismo	17
Excursões Escoteiras	3	O que são os Lobinhos	18
Jamboree dos Novos Horizontes	4	Habilidade Manual	21
O Sino Escoteiro	6	Acampamento Internacional de Patrulhas	22
O Adestramento de Chefes	7	Lobinhos	26
Uma Prova de Topografia	9	Eternos Viajores	26
Jantar da Região de S. Paulo	11	Nosso Distrito	27
Quebra-Côco (canção)	11	30.º Aniversário da U.E.B.	28
O Escoteiro caído do céu	11	Os Escoteiros de Portugal no A.I.P.	29
Aperfeiçoamento individual	13	Acampamento Internacional de Patrulhas	30
As Associações Escoteiras e o Comissário Distrital	14	História curiosa de uma fotografia	31
Vale a pena, de B.P.	15	A Saudação do Lobinho	31
Cursos de Chefes da Insignia de Madeira	16	Escotismo, viveiro de esperanças	32
		Sede própria para a Região Escoteira do E. do Rio	32

Alerta!

Órgão DA UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Diretor Responsável: JOÃO FERNANDES BRITO

Gerente: EURÍPEDES DA ROSA

N.º 58

NOVEMBRO-DEZEMBRO DE 1954

ANO VIII

SISTEMA DE PATRULHA

INDACYR M. REBELLO FILHO

O pouco adestramento que se observa hoje em algumas tropas escoteiras é fruto ainda do obsolêto sistema de dividir os rapazes em equipes, e pensar que estamos aplicando o "sistema de patrulha", a base fundamental do bom Escotismo.

Não. Sòmente agrupar os rapazes, não quer dizer que estejamos seguindo os métodos aconselhados por B.P., quando afirmou que unicamente através da patrulha, é possível incrementar e desenvolver entre os jovens o espírito escoteiro e descobrir o que de bom existe em cada um componente da patrulha. É necessário que se faça com que cada um escoteiro sinta orgulho em pertencer a esta ou aquela patrulha. Os programas devem ter o máximo de atração. Sempre deixar que o Monitor dirija a atividade para que êle tenha ascendência sôbre os seus companheiros. Procurar desenvolver entre êles o espírito associativo, oferecendo reuniões sob a direção do Monitor, nas quais os trabalhos e atividades programadas, sirvam de estímulo para novas conquistas. Nas reuniões com os graduados, o Chefe deve mostrar que confia nêles e que através das provas de classe e especialidades é que reside o adestramento escoteiro. Organizar atividades ou competições entre patrulhas, onde entre jogos, acampamentos, excursões, tudo isto obedecendo um plano previamente traçado. Urge que se dê ao programa escoteiro, um pouco de aventura, atividade ao ar livre, restringindo-se ao máximo as chamadas "instruções" de séde, trocando-as por reuniões movimentadas, onde cada patrulha pela atuação nos jogos, pela sua conduta disciplinar e especialmente pelo espírito de camaradagem, possa oferecer ao chefe oportunidade de observar cada rapaz atuando dentro da sua patrulha, e como êle joga o "Grande Jôgo Escoteiro". Pois, numa tropa, onde o sistema de patrulha é substituído por uma reunião acadêmica, ficando todos sentados horas e horas, ouvindo unicamente o Chefe falar, não estamos fazendo escotismo, mas sim, transformando a tropa em grupo escolar, onde o chefe passa a ser o "professor" que dá ordens, censura, dá castigos, quando na realidade, assim não deve ser. O Escotismo é um grande jôgo para ser jogado pelos rapazes em patrulhas, ao ar livre.

É aplicando o verdadeiro sistema de patrulha que uma tropa caminha e seus escoteiros se sentem orgulhosos em pertencê-la. Só assim podemos criar o espírito escoteiro que acompanhará o rapaz por tôda a vida.

J. BRITO

M E N S A G E M

Os repiques festivos dos sinos do Natal e a esperança confiante nos projetos para o Ano Novo vibram nossas almas em ondas de suave exaltação moral. Elevemos para Deus os nossos corações, em preces de

um homem feliz e desejava que cada escoteiro encontrasse no mundo a mesma felicidade, que êle gozou.

Como fazer para obtê-la?

A felicidade não é a posse de bens materiais ou de situações vantajosas,



Chefe. Comte. José de Araujo Filho
Comissário Nacional da União dos Escoteiros do Brasil

Amor e de Paz, e busquemos em Seu seio a fortaleza necessária para mantermo-nos fiéis à nossa Promessa e à nossa Lei.

Na sua última mensagem de Kenya, Baden Powell nos afirmou que foi

mas uma satisfação íntima de viver, que só podemos adquirir pelo perfeito equilíbrio interior de nossos sentimentos.

Êsse equilíbrio ou harmonia interior nos é proporcionado por um vi-

goroso conceito pessoal de ideal e de beleza. E' em primeiro lugar uma questão de FÉ em nosso destino sobrenatural, que disciplina nossos sentimentos e desejos. E' a CONFIANÇA ilimitada na bondade e proteção do Pai Celestial, que nos ampara e ilumina desde que sejamos sensíveis à Sua vontade. E' o AMOR AO PRÓXIMO como Deus nos ensinou, que nos conduz à alegria interior de darmos um pouco de nós mesmos para a felicidade de outrém. Virtude pessoal não é o bastante. Precisamos completá-la com alguma obra de abnegação e altruismo, que só assim daremos satisfação aos íntimos desejos dos nossos corações.

A beleza nos é possível sob as mais variadas formas, de acôrdo com nossos temperamentos e tendências. Vêmo-la num gesto de bondade e cortezia, numa vida de dedicação a uma causa, na sublimação dos sentimen-

tos religiosos a que atingem as almas de eleição, nos arrebatamentos a que nos transportam as sensibilidades artísticas, no esforço construtivo dos conhecimentos e das técnicas, na harmonia das côres e dos sons, nos aspectos maravilhosos e perfeitos da natureza, na sincronização dos movimentos nos espaços siderais, num atestado eloquente da obra magnificante e poderosa de um Deus Criador e Sábio.

Devemos orientar os nossos escoteiros no sentido de ver em tudo a presença de Deus e de a Ele consagrar suas vidas e suas ações. Estaremos dêsse modo oferecendo aos nossos rapazes um conceito vigoroso de ideal e de beleza, capaz de acender em suas almas a chama flamejante da verdadeira felicidade.

José de Araujo Filho
Comissário Nacional da U.E.B.

Excursões Escoteiras

Entre as múltiplas atividades que o Escotismo proporciona a seus pequenos filiados, a das excursões escoteiras ocupa lugar destacado. Tempo houve em que estas excursões escoteiras mereceram especial cuidado dos responsáveis de nossas entidades escoteiras, trazendo uma destacada contribuição ao progresso e divulgação do Escotismo, assim como à fraternidade escoteira pelos laços de amizade que estabeleciam entre os escoteiros visitantes e visitados.

Com o preparo e seleção dos componentes para integrarem estas excursões, aliás a base de todo o seu êxito, o nível técnico escoteiro subia, a amizade entre seus participantes arraigava-se, a propaganda eficiente de nosso Movimento fazia-se através de fatos e realizações, pois só com êle

se pode fazer, realmente, uma boa propaganda.

Entretanto, poucas ou nenhuma Regiões Escoteiras, nestes últimos tempos, projetam ou realizam estas excursões, num descaso condenável para as finalidades do Escotismo e para os próprios escoteiros para quem, salvo êrro, foi feito o Escotismo.

Aproveitemos os ensinamentos das excursões escoteiras já realizadas, melhoremos suas diretrizes e finalidades e proporcionemos aos escoteiros esta grande atividade não os decepcionando e mostrando-lhe que, realmente, o Escotismo, é para êles. Que cada Região Escoteira projete e realize uma excursão geral nas férias grandes que se aproximam, na melhor afirmativa de sua vitalidade e do valor de seus dirigentes, são os nossos votos.

Tigre de Java

“JAMBOREE NOVOS HORIZONTES”

Para conhecimento do trabalho que vem desenvolvendo o Comissariado Técnico da U.E.B., o Comissário Nacional, enviou às Regiões Escoteiras, a seguinte circular:

“Conforme já foi comunicado pela Circular Cm.T.N. n.º 2/54, de 12 de março deste ano, será realizado no Canadá o VIII Jamboree Mundial, de 18 a 28 de agosto de 1955, na aprazível região de Niagara-on-the-Lake, Província de Ontário, perto



O cartaz de propaganda do “Jamboree dos Novos Horizontes” já distribuído profusamente em todo o Canadá e demais países do mundo.

das famosas cataratas do Niagara. Esse encontro de escoteiros de todo o mundo que se denominou “JAMBOREE DOS NOVOS HORIZONTES” será o primeiro realizado no continente americano, o que assume para nós uma grande importância.

A grande distância que nos separa do Canadá e o fato dessa atividade se realizar em época escolar, exigindo o transporte dos participantes por avião, torna onerosa a despesa com o nosso comparecimento. Apesar disso, entretanto, a Diretoria Nacional está envidando todos os esforços no sentido de enviarmos uma re-

presentação à altura da nossa posição no conceito escoteiro internacional. Com o objetivo de tornar possível esse comparecimento a escoteiros de menos posses, solicitamos ao Exmo. Sr. Tenente-Brigadeiro Eduardo Gomes, Ministro da Aeronáutica, e um dos nossos Vice-Presidentes de Honra, a concessão de um avião especial para o transporte de parte da Delegação Escoteira do Brasil e temos fundadas esperanças de obter esse valioso apóio daquele Ministério.

Qualquer que seja, porém, a solução desse pedido, ficam estabelecidas as seguintes condições a que devem satisfazer todos os escoteiros que desejem tomar parte no Jamboree:

CONDIÇÕES:

- Ser Escoteiro de 1.ª classe ou Escoteiro da Pátria;
- Ter pelo menos 15 noites de campo;
- Possuir no mínimo duas especialidades, sendo uma delas à escolha dentre as de Intérprete, Acampador, Cozinheiro, Enfermeiro, Primeiros Socorros, Ator, Músico, Salva-vida;
- Ter ao menos dois anos de atividade, contados da data da Promessa como Escoteiro, tendo estado em atividade todo o ano de 1954;
- Estar tanto o candidato como sua tropa devidamente registrados na U.E.B. e possuir a respectiva Carteira de Identidade Escoteira (Enquanto a U.E.B. não tiver expedido a Carteira, valerá o fato de ter dado entrada na respectiva documentação);
- Ter a idade compreendida entre 13 anos completos e 18 incompletos, no dia 18 de agosto de 1955;
- Ter ou estar fazendo o curso secundário;
- Possuir autorização escrita dos seus pais ou responsáveis;
- Apresentar, quando fôr pedido, atestado médico de sanidade. Haverá duas listas de inscrição.

LISTA A — Escoteiros cuja participação no Jamboree dependa das facilidades que estão sendo providenciadas, os quais ficarão sujeitos a uma seleção a ser efetuada pelo Comissariado Técnico Nacional, de acordo com as normas constantes desta circular. Os candidatos que forem selecionados deverão custear seu transporte até o Rio de Janeiro e regresso do Rio de Janeiro às suas cidades quando volta-

rem do Jamboree, pagar até o dia 30 de junho a cota única de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) e levar uma importância para os seus gastos pessoais no estrangeiro de no mínimo \$20.00 (vinte dólares), que devem corresponder aproximadamente a Cr\$ 2.000,00 (dois mil cruzeiros). É permitido às Regiões, Distritos, Tropas ou Entidades Mantenedoras auxiliarem as despesas dos seus escoteiros que fôrem selecionados.

LISTA B — Escoteiros que possam ir por conta própria, independentemente das facilidades que estão sendo solicitadas, aos quais fica assegurada a participação na Delegação Escoteira do Brasil dentro do limite fixado para o nosso contingente. Se houver excesso de candidatos será feita seleção nos mesmos moldes estabelecidos para os candidatos da Lista A. Deverão pagar a cota única de Cr\$ 5.000,00 (cinco mil cruzeiros) e custear suas despesas de transporte ao Rio de Janeiro, para o Acampamento de Treinamento, passagem de ida e volta até New York e mais:

Passagem de trem New York-Niagara e regresso	\$25.00
Leito	\$ 8.00
Alimentação	\$ 7.00
Total	\$40.00

— É conveniente calcular uma reserva de 15% para emergências.

— Essas despesas não incluem dias de permanência em New York, nem passeios. Devem levar uma importância para os seus gastos pessoais no estrangeiro de no mínimo \$20.00 (vinte dólares). Julga-se prudente calcular o dólar a razão de Cr\$ 100.00.

— Caso a U.B.E. obtenha facilidades, êsses candidatos serão beneficiados com os passeios que a nossa Delegação organizar no estrangeiro.

Essas listas se destinam exclusivamente à seleção e organização da nossa Delegação, não sendo divulgados os nomes dos escoteiros que pertencem à Lista A ou B, não constituindo, portanto, discriminação.

INSCRIÇÃO PRELIMINAR: — Os escoteiros que satisfaçam às condições exigidas ou que as possam satisfazer até o dia 15 de maio de 1955, deverão, até o dia 28 de fevereiro do próximo ano, efetuar a sua inscrição preliminar com o respectivo Comissário Regional, por intermédio dos Chefes de suas tropas. Cada escoteiro se inscreverá em somente uma das duas listas existentes, fornecendo as seguintes informações: Lista A ou B; Nome;

Tropa ;Enderêço para correspondência; Data de Nascimento; Data da Promessa como Escoteiro; Tempo de atividade escoteira, separadamente, como Lobinho, Escoteiro ou Escoteiro Senior; Classe atual. Os candidatos da lista B devem também informar qual o meio de transporte que pretendem utilizar para a viagem ao Canadá.

Os Comissários Regionais enviarão no dia 1.º de março ao Comissário Nacional, por via aérea, a relação das inscrições preliminares de suas Regiões, utilizando para êsse fim o mapa que lhes será especialmente remetido. Essa inscrição preliminar se destina a permitir ao Comissariado Técnico Nacional efetuar os primeiros estudos referentes aos problemas de constituição e transporte de nossa Delegação.

INSCRIÇÃO DEFINITIVA: — Até o dia 15 de maio de 1955 os elementos inscritos preliminarmente deverão preencher e entregar ao Comissário Regional a Ficha de Inscrição que será remetida diretamente pela U.E.B. para as respectivas tropas, de acôrdo com as listas mandadas pelas Regiões.

O mais tardar no dia 16 de maio os Comissários Regionais deverão expedir para o Comissário Nacional, por via aérea, as fichas de inscrição dos escoteiros de sua Região, a fim de que o Comissariado Técnico Nacional possa, até o dia 31 de maio, efetuar a seleção dos elementos que constituirão a Delegação Escoteira do Brasil.

Os Comissariados Regionais deverão verificar e confirmar as informações prestadas pelos escoteiros nas suas fichas de inscrição. Se, porém, no Acampamento de Treinamento ficar constatado que um rapaz não preenche os índices de adestramento ou informações que prestou, sua inscrição será cancelada.

ACAMPAMENTO DE TREINAMENTO: — Os escoteiros designados para integrar a Delegação Escoteira do Brasil, tanto procedentes da lista A como da lista B, deverão concentrar-se no Rio de Janeiro com alguma antecedência, onde participarão de um Acampamento de Treinamento, nas vésperas da partida para o Canadá.

As despesas de hospedagem no Rio de Janeiro e de campo correrão por conta da U.E.B.

BOA REPRESENTAÇÃO: — Visando proporcionar à nossa Delegação uma apresentação uniforme e correta, a U.E.B. oferecerá os lenços e providenciará a confecção de dois uniformes de campo completos e um abrigo para cada participan-

te, cuja despeza já está incluída na cota única.

SELEÇÃO: — Para a seleção dos candidatos da LISTA A será estabelecida a seguinte ordem de preferência, sucessivamente:

1.º — os Escoteiros da Pátria, pela antiguidade de outorga dêsse título;

2.º — os Escoteiros de Primeira classe com duas ou mais especialidades, classificação pela sua situação em 30 de novembro de 1954, quanto à antiguidade e número dêsses distintivos;

3.º — os que possuam até 15 de maio de 1955 maior número de especialidades dentre as discriminadas nas condições para inscrição, e em seguida os que tenham o maior número dentre tôdas as especialidades;

4.º — os que tiverem maior tempo de atividade no movimento escoteiro, em qualquer dos ramos;

5.º — aqueles cujas tropas há mais tempo se tenham registrado na U.E.B.;

6.º — os mais velhos;

7.º — se ainda houver empate, será resolvido por escolha;

8.º — cabe ao Comissariado Técnico Nacional a apreciação e decisão final.

CHEFIA DA TROPA: — O Chefe da Tropa e seus Assistentes serão escolhidos pelo Comissário Nacional e aprovados pela Diretoria Nacional.

PARTICIPAÇÃO DE CHEFES: — Os chefes que desejarem comparecer ao VIII Jamboree, por conta própria, devem entrar em entendimento com o Comissário Nacional, por intermédio do seu Comissário Regional. Êsses entendimentos poderão ser feitos até 30 de abril do próximo ano.

Na expectativa de que os nossos escoteiros façam o seu melhor possível para comparecerem ao VIII Jamboree Mundial, desejo-lhes BOM CAMPO E BOAS ATIVIDADES e enviou-lhe a nossa saudação **SEMPRE ALERTA PARA SERVIR.**

(a) José de Araujo Filho
Comissário Nacional



O SINO ESCOTEIRO

Do Acampamento Internacional de Patrulhas

Todos os toques no Acampamento foram dados pelo sino do glorioso couraçado "São Paulo". Era ao toque das badaladas deste Sino, que subiam e desciam na Arena as bandeiras das Nações representadas.

O sino, oferecido aos Escoteiros, tem tradições gloriosas para São Paulo e tem também tradições Escoteiras. Estas são resumidas assim no "A. P. .", jornal de Campo do Acampamento:

1907 — Roberto Baden-Powell, com alguns filhos de seus amigos, acampa pela primeira vez na Ilha de Brownsea.

Alongando a vista, pela neblina do estuário, vê-se num estaleiro o esqueleto de um gigante de aço. Passeiam pelos andaimes jovens oficiais brasileiros que acompanham a construção do maior couraçado da época, o "São Paulo".

Êstes oficiais, entre o ferro em braza dos rebites que vão sendo cravados e a faíscas que ia pelo estaleiro, observam curiosos a passagem dos meninos do jovem general, herói de Mafeking.

1908 — Cresceu o "São Paulo" cresceu o movimento escoteiro.

1909 — Ainda no tombadilho incompleto, já decidiram os seus oficiais organizar escotismo na sua terra.

1910 — A proa do couraçado gigante corta as águas apontando para o Brasil, em sua viagem inaugural. Segue no seu bojo, também, o ideal de Baden-Powell.

O sino de bordo lembra, em seus quartos, a promessa de fundar-se o movimento no outro lado do Atlântico, o que é feito logo depois da chegada. Desta pequena iniciativa traduziu-se o movimento organizado em 1914, em São Paulo, que marcou o início oficial do escotismo em nossa terra.

1954 — Interlagos, planalto de Piratininga...

Numa arena regurgitando de jovens de todo o Brasil, de tôdas as Américas e de países longínquos, quando sobem as bandeiras nacionais, vibra novamente o bronze daquele mesmo sino que, com a mesma idade, vira nascer o Escotismo em Brownsea.

José Spina
Chefe Escoteiro

O Adestramento do Chefe

Carlos Gusmão de O. Lima
Comissário Distrital

O motivo principal de têmos um grande número de Chefes com reuniões rotineiras e atividades sempre repetidas, é o da confiança exagerada em seu próprio adestramento.

Naturalmente eles já se consideram "doutores" em escotismo e não têm tempo a perder com a continuidade de seu adestramento.

Como resultado dêsse modo negativo de pensar vemos Chefes novos, sem a experiência da antiguidade, obterem resultados bem superiores de antigos dirigentes.

Temos em primeiro lugar o adestramento técnico que somente é obtido com a prática, e do qual fazem parte várias provas de classe como sinalização, fogueira, cozinha, etc.

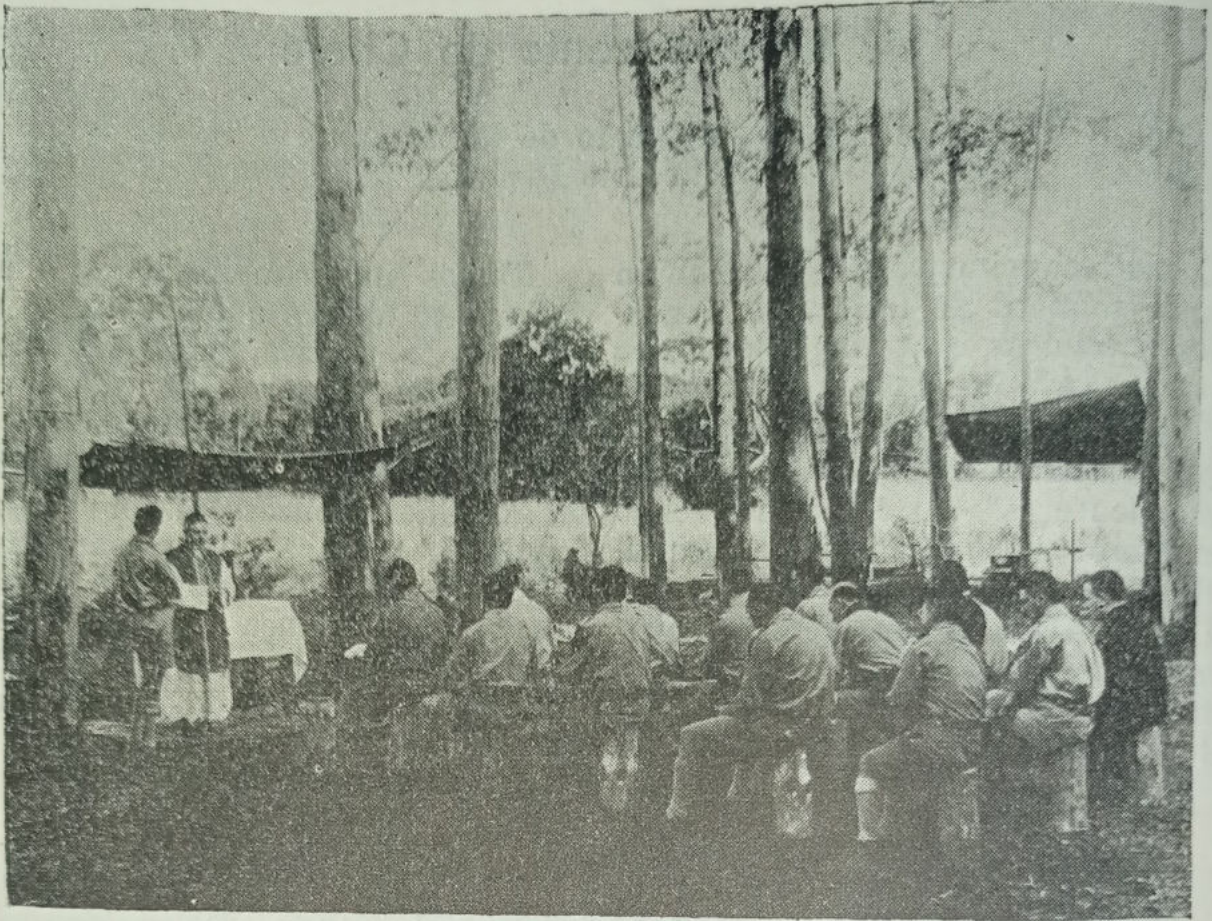
Seria oportuno que, esporadicamente, os Chefes puzessem em ação suas aptidões nestas provas, para assim obterem, com seus sucessos, a admiração e a confiança de seus dirigidos.

A participação em um Curso Preliminar da Insígnia de Madeira deve ser tida como um degrau obrigatório, pois êste Curso permite uma re-



CURSOS DE CHEFES DA INSÍGNIA DE MADEIRA

A Região Escoteira do Distrito Federal da União dos Escoteiros do Brasil realizou um Curso Preliminar para Chefes de Escoteiros, nos dias 6 e 7, 13, 14 e 15 de novembro de 1954, em Vila Albano (Jacarépaguá). Vêm-se em pé, as três patrulhas dêste Curso e sentados a Equipe de Direção do Curso.



O Santo Sacrifício da Missa rezado em pleno campo, assistido com reverência pelos futuros chefes que bem compreendem que a religião é a base do Escotismo.

visão geral das provas técnicas, esclarecem os pontos básicos do escotismo (muitas vezes incompreendidos ou desvirtuados) e apresentam novos jogos e modos de proceder na execução de chefia.

Em qualquer tempo, e principalmente antes de ser respondida a Parte I — Teórica do Curso da Insígnia de Madeira, a contribuição da literatura escoteira é essencial para o adestramento.

Pelo menos os livros fundamentais de Baden Powell, e também os da série "Gilcraft", devem ser lidos e meditados, com verificação da prática ou não dos conceitos nêles emitidos.

Além disso temos periodicamente livros de jogos, revistas interessantes e outros elementos que nos permitem sempre, pela leitura, novas idéias ou aspectos novos de antigas idéias.

Um grau mais elevado de adestra-

mento é obtido pela participação em um Curso da Insígnia de Madeira, Parte II — Prática, onde em acampamento de 10 dias, podemos realizar muitas atividades de escotismo avançado em técnica, e ainda conhecermos substancialmente as bases fundamentais do Movimento Escoteiro.

Um outro aspecto da continuidade do adestramento é a permuta de idéias entre os Chefes que assim poderão contar com a experiência dos demais, antes de iniciarem alguma nova atividade, e dêsse modo assegurarem o êxito da mesma.

Ao programar as atividades anuais os Chefes devem incluir na previsão alguma atividade para desenvolver o seu próprio adestramento.

Todos os Chefes, novatos ou antigos, têm sempre algo que aprender ou muito que recordar. Vamos portanto dar continuidade ao adestramento!

Uma Prova de Topografia

Pelo Chefe Floriano de Paula.

Desejando dez escoteiros da Associação do Colégio Estadual, de Belo Horizonte, submetem-se às provas de Primeira Classe, apresentei-lhes, na parte de Topografia, a seguinte situação escoteira:

a) Dois grupos de uma Associação receberam sugestão da Chefia Geral para a realização de um acampamento de férias, nas proximidades da cidade, em dois bosques existentes entre duas fazendas. Conseguiu o Chefe um ligeiro esboço topográfico do local e algumas informações complementares:

1.^a — Distância da casa principal da Fazenda "A" à casa principal da Fazenda "B", em linha reta, quatro quilômetros; 2.^a — Posição da casa da Fazenda "B", em relação à da Fazenda "A", rigorosamente a ENE desta; 3.^a — A Fazenda "A" está situada numa baixada, figurando sua altitude como cota zero (0) e, a partir daí, estão as curvas de nível cotadas de vinte em vinte metros de altitude; 4.^a — Os morros são cobertos de bosques de eucaliptos, a partir da cota 100, sendo rochosos os seus picos; 5.^a — Há seis nascentes (N) indicadas na carta e das quais descem um rio e córregos; 6.^a — As duas fazendas estão ligadas por uma estrada de automóvel, traçada pelos pontos de menor declive e evitando obras d'arte; 7.^a — Na Fazenda "A" encontra-se uma cultura de arroz ocupando grande parte da baixada e, entre as cotas 20 e 40, há uma plantação de milho, sendo de campos o resto do terreno e o vale principal de mata virgem; 8.^a — Os ventos predominantes são de SE, geralmente frios; 9.^a — Como local pitoresco de excursão há uma pequena queda-d'água no rio principal; 10.^a — O terreno apresenta detalhes topográficos como garupa, um esporão rochoso, colos, talvegues, cristas, divisor de águas, etc.

b) De posse do esboço e dos dados topográficos, cuidou cada grupo de realizar seus estudos na carta, completando-a com os seguintes esclarecimentos: 1.^o — Desenho de uma "rosa-dos-ventos", partindo da orientação já conhecida entre as duas fazendas; 2.^o — Determinação da "escala", tendo como base a distância de quatro quilômetros entre as duas casas principais, sendo traçadas as escalas gráficas em quilômetros e em passos duplos e inserida a escala numérica; 3.^o — A "iluminação da

carta" começou pelas águas correntes, das nascentes pelos declives naturais, utilizando-se a cor azul; depois veio a estrada de automóveis, em cor vermelha; os lugares rochosos, os bosques, a mata, os pastos, as culturas, foram indicados pelas convenções respectivas; uma garupa, um esporão, um colo, um divisor de águas, um talvegue, receberam números de 1 a 5; finalmente a queda-d'água foi indicada por um "X", a direção dos ventos predominantes por uma seta.

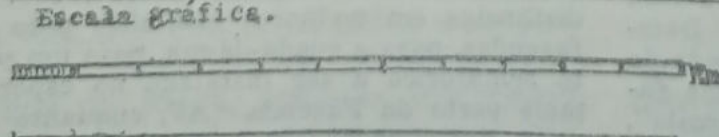
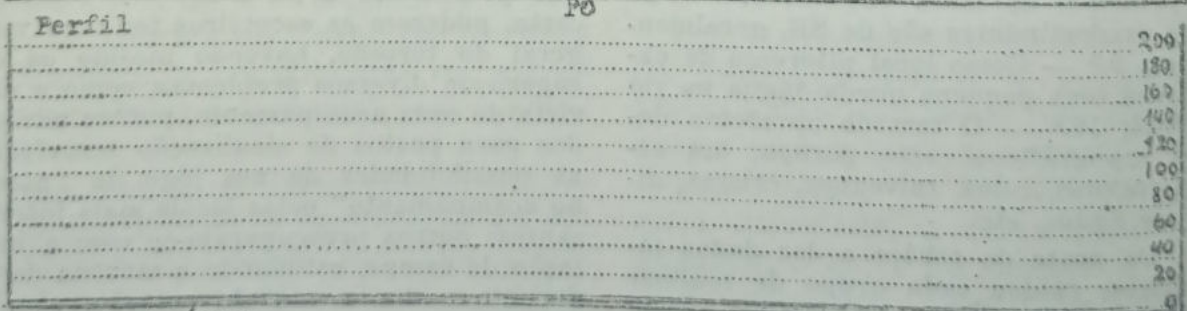
c) Completadas as observações na carta, passaram os guias a escolher os locais de acampamento. Resolveram levantar um perfil dos morros, tomando como ponto de observação um lugar perto da Fazenda "A", que indicaram convenientemente (PO). Ficou deliberado que o Grupo Caxias acamparia no morro à direita e o Grupo Tamandaré no morro à esquerda desse ponto. As partes mais altas, mais batidas de sol, mas abrigadas do vento predominante, mais bem servidas de água pura e de lenha, foram escolhidas e indicadas convencionalmente no esboço. O itinerário de cada grupo foi também assinalado, por linhas pontuadas em vermelho, levando em conta os guias a marcha por declives mais suaves, escrevendo-se um pequeno relatório com os rumos e distâncias em passos duplos, desde que os locais visados deveriam ser atingidos por meio da carta e da bússola, pelos campos e bosques, e não pelos trilhos existentes.

d) E assim, pelo simples esboço entregue pelo Chefe e as indicações feitas na carta, puderam os escoteiros ter uma visão geral do terreno, havendo mesmo os que sugeriram diversos problemas, como a área vista de cada acampamento, pontos adequados para postos de sinalização semafórica, as possibilidades de um jôgo de "ataque ao acampamento" pelos locais mais interessantes; outros preocuparam-se com a insolação do campo, estudando a marcha do sol durante o dia e naquela estação, com as distâncias em melhores caminhos para as fazendas, para a queda-d'água, para um posto semafórico a ser instalado no esporão, mais perto da Fazenda "A", enquanto alguns, preocupados com a prova de "jornada", iam indicando lugares próprios para sua realização.

e) Faz de conta que és agora o Guia de teu Grupo. Coloca-te em frente do es-

bôco que te apresento e trata de realizar tôdas as operações que foram indicadas. Escreve um relatório de tudo o que obser-

de sinalização. A que altitude instalaste teu campo? Podes observar o nascer e o pôr do sol? Porque escolheste o caminho



vaste ou imaginaste, dando informações sobre distância de teu campo às fazendas, ao campo vizinho, à queda-d'água, aos postos

traçado na carta e não outro? Bem: se procurares viver esta aventura escoteira, conseguindo que tua imaginação e teus co-

Jantar oferecido pela Diretoria Regional de São Paulo aos colaboradores do Acampamento Internacional de Patrulhas no dia 20 de Setembro de 1954

Expressiva homenagem prestou a Diretoria Regional aos organizadores e auxiliares do Acampamento Internacional de Patrulhas. A homenagem constou de um jantar no Restaurante Giordano, ao qual compareceram além dos homenageados, os Diretores Regionais e membros do Conselho Local.

Em nome da Diretoria o Dr. Nicolau Filizola, presidente da Região em belas palavras exaltou as qualidades de todos quantos colaboraram na realização dessa atividade, apresentando aos mesmos o agradecimento de toda a Diretoria. A seguir o Secretário Regional, Sr. Edmar L. A. Rabelo em notável oração fez aos presentes um fiel relato dos trabalhos levados a efeito pela Equipe encarregada do planejamento, preparação e organização do A.I.P., e ofertando, em nome da Região, um mimo à Direção Geral e Comissários, como lembrança do referido acampamento.

Agradecendo, em nome da Direção Geral, falou o Chefe Walter de Castro Schlithler, líder do Acampamento, o qual fez aos demais colaboradores entrega de uma medalha comemorativa daquele certame.

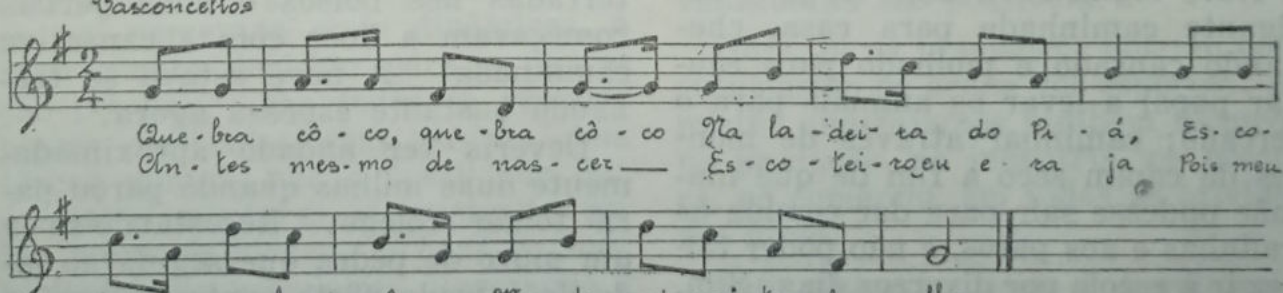
Fizeram uso da palavra também o Rv .Pe. Olavo Pezzotti, Assistente Eclesiástico Católico Regional, num magnífico improviso, sendo por todos ovacionado de pé, e o Sr. Dr. Francisco Garcia Bastos, presidente do Conselho Local, que nessa ocasião havia sido apresentado pelo Sr. Presidente Regional.

O Dr. Nicolau Filizola, agradecendo a presença de todos, pronunciou uma bela oração sobre a sua fé no escotismo.

Para encerrar essa magnífica reunião a Aquelá Vitalina Accioli, dirigiu a Canção do Acampamento e o "Cli-cle-clof", que tanto sucesso obteve, cantadas por todos os presentes.

Quebra Côco

Letra de Skinner e Freire de Vasconcelos Melodia Folclórica do Ceará



Que-bra cô-co, que-bra cô-co Na la-dei-ra do Pi-á, Es-co-
 los mes-mo de nas-cer — Es-co-lei-roeu e-ra ja Pois meu
 -lei-ro que-bra cô-co Mas de-pois vai tra-ba-lhar.
 pai foi um va-quei-ro no 'sec-tão do Ce-a-rá.

nhecimentos façam este lugar existir, então estarás apto a "ler satisfatoriamente uma carta e fazer um esboço topográfico inte-

gível", como manda o nosso Regulamento Técnico (18-12-i). E é na verdade o que de ti espera o teu Chefe e amigo.

O ESCOTEIRO CAÍDO DO CÉU

(Traduzido da revista "The Scout"
por Mário Brock)

Teddy torceu o pedaço de papel no qual havia escrito e atirou-o para a carteira de seu colega. Harry apanhou-o, desenrolou e leu em grandes letras de imprensa uma palavra: NEVE.

Olhou pela janela. Certamente que estavam caindo grandes flócos de neve. Enquanto observava, êles aumentavam e caíam mais depressa.

"Harry!" A voz de seu professor despertou-o e êle se levantou para responder à pergunta que mal ouvira.

"Se vocês prestasse um pouco mais de atenção invés de ficar olhando pela janela, aprenderia muito mais", disse severamente Mr. Grayson. "Bem sei que está nevando, você terá muito tempo para fazer bolas de neve após a aula".

Harry deu um pequeno sorriso mas não estava nada contente. "Fazer bolas de neve", francamente... Bem, Mr. Grayson era um professor novo. Vinha do sul e não compreendia que quando se vive numa fazenda nessa desabrigada região setentrional, não havia muito tempo para fazer bolas de neve quando nevava.

Neve significava uma longa e fatigante caminhada para casa, chegando cansado e molhado para ajudar papai a levar os animais para o cercado; caminhar através de montes de capim seco a fim de que mãe pudesse sair para dar comida às galinhas e aos patos, e não poder talvez ir à escola por diversos dias. Sim, Mr. Grayson saberia dentro em breve o que significava neve se tivesse vivido nessa parte do mundo por muito tempo.

A tarde rapidamente desceu e terminou a última aula. Os meninos logo abotoaram suas grossas capas con-

tra a neve e houve muitos risos e muita algazarra quando começaram a atirar bolas de neve nas meninas. Uma ou duas atingiram Harry, mas êle não as devolveu. Estava tudo ao gosto dos meninos da aldeia que, para chegarem em casa tinham apenas que descer a rua, porém Harry, tinha que andar uma boas três milhas.

"Té logoooo Harry!" berrou Ted. "Amanhã nos vemos".

"Espero que sim", replicou Harry tomando com a face curvada contra a neve, em torvelinho, a picada que o levaria colina abaixo ao fundo vale e depois para cima da íngreme encosta da planície.

Para baixo, na direção do vale, não era muito difícil. Os altos paredões resguardavam-no das rajadas de vento, porém uma vez que iniciava a subida a coisa ficava bem pior. Lá na planície aberta o vento uivava e sibilava e a neve em torvelinho ocultava rapidamente todos os indícios do caminho.

Harry prosseguiu. Conhecia seu caminho e não tinha medo de se perder. Suas mãos estavam enrigeladas, mesmo assim conservou-as enterradas nos bolsos e suas pernas começavam a doer com a cansativa caminhada. A neve estava se tornando bastante espessa agora.

Deveria ter andado aproximadamente duas milhas quando parou para tomar fôlego. Recostando-se a um muro de pedra que seguia ao lado da estrada neste ponta, voltou as costas contra o vento e sacudiu um pouco da neve de sua capa e do boné.

"Aposto que estou parecendo um boneco de neve", pensou êle sorrindo.

Depois, além do uivo do vento ouviu outro ruído. Era o som de um motor de avião e Harry que conhecia

muito a respeito de aeroplanos, aguçou os ouvidos.

“Há algo de errado com este avião”, pensou êle. “Deus me livre”. Imagine alguém estar por aqui com este tempo. Será que lá em cima também está nevando?”

Depois, ao olhar para cima, viu que algo grande e branco caía oscilando do céu.

“Meus Deus! O piloto está se atirando!” murmurou Harry.

(Continua)



Aperfeiçoamento individual

Mário Pinto Serva

Assim com no espaço celeste milhões e milhões de estrelas têm, cada uma, sua órbita diferente e seguem cursos diversos, assim também na sociedade das nações cada indivíduo ou ente humano tem também seu rumo diverso. Cada um é o arquiteto do seu próprio destino e deve possuir o preparo básico para tanto.

A Constituição Federal vigente decreta que “a educação é um direito de todos os brasileiros” e que “o ensino primário é obrigatório”. E’ mister que a União faça cumprir essas disposições. O problema número um no Brasil consiste em educar. Todos os problemas nacionais se concentram e se acumulam no da educação popular. Não estamos ainda aplicando ou empregando no Brasil a força ou elementos mais dinâmicos, o instrumento decisivo para a educação popular. Em todos os grandes países civilizados, sem exceção, dois terços quando não a totalidade das escolas elementares, são custeados pelas municipalidades. Todas as municipalidades brasileiras decretando e realizando a extinção do analfabetismo, teremos um Brasil maior. Os grandes gênios da humanidade são espontâneos e autônomos. Sempre que abrimos um livro adquirimos um ou mais conhecimentos. Milhares e milhares de gênios assim se formaram.

Lendo um ou mais livros criadores, sentiram a centelha do gênio ou do talento acender-se no próprio cérebro. Qualquer grande jornal moderno é uma enciclopédia de todos os conhecimentos. Todas as moradas e habitações dos mais humildes brasileiros devem receber através de visitantes educacionais o impulso da alfabetização.

O “slogan” de todos os grandes povos, ora à frente da civilização, é: “educação física e educação técnica”. Sem aquela os homens são recalçados e atrofiados. Sem educação técnica não se podem sustentar a si mesmo, e vão ser parasitas, marginais.

Alfabetizados todos os brasileiros, sem exceção, todas as campanhas aventadoras são possíveis.

Hoje, já os brasileiros entram com entusiasmo na arena dos esportes. E’ mister que sejamos também técnicos na produção, na indústria, na lavoura, no comércio, em todas as atividades úteis.

Sem educação física e a educação técnica, os brasileiros como que usurpam o território que possuem. Precisamos da revolução educacional. Mauá, há um século, realizou iniciativas e empreendimentos modernos. Mas, tinha, atrás de si, um povo de 90% de analfabetos!

As Associações Escoteiras e o Comissário Distrital

Carlos Gusmão de Oliveira Lima
Comissário Distrital

As relações entre as Associações Escoteiras e o Comissário Distrital apresentam-se como um dos pontos principais no esquema da organização do Movimento Escoteiro.

Estas relações devem ser de tal modo frequentes e cordiais que a visita do Comissário Distrital não tenha sempre o aspecto de inspeção que algumas Associações pretendem dar.

Ao lado dessa cordialidade, as Associações devem ser no Comissário Distrital um escotista sempre pronto a aconselhar e sugerir nas dificuldades existentes.

Reciprocamente, poderão as Associações ajudar o Distrito na organização de um levantamento de locais para acampamentos, ou em uma Boa Ação coletiva.

A comunicação antecipada de atividades de campo e de solenidades a serem realizadas pelas Associações permitirá ao Comissário Distrital, como representante das entidades dirigentes, comparecer às mesmas ou anotá-las para controle.

Igualmente é oportuna a comunicação ao Comissário Distrital ou à Região de questões internas da Associação, mas de grande importância, como por exemplo a suspensão ou exclusão de escoteiros, a participação de novos Assistentes da Chefia, atrito entre os dirigentes etc. Muitas vezes o conselho do Comissário Distrital ou de um Chefe mais antigo chega demasiadamente tarde para uma solução feliz, porque não tiveram conhecimento imediato do incidente.

Uma outra diretriz para as Associações deve ser a utilização do Comissário Distrital em novas realiza-

ções. Atividades do tipo Reunião de Pais, Boa Ação Coletiva, Reunião Festiva, Campanha Financeira e muitas outras, poderão ter maior probabilidade de sucesso se contarem com a experiência do Comissário Distrital, sugerindo certos pormenores.

Por outro lado o Comissário Distrital estará adquirindo novas experiências, que poderá adotar nas próximas atividades daquele gênero, nas outras Associações.

Para animar a vida distrital nada melhor do que um pequeno acampamento, um Torneio entre as Associações mais próximas, ou mesmo uma excursão de jogos e competições. Essas atividades farão os participantes compreenderem que são membros de uma Grande Fraternidade, que não é limitada pelo âmbito da Associação a que pertencam.

Devem, portanto, as Associações Escoteiras colaborar ao máximo nas múltiplas atividades do Comissário Distrital, o que, em última análise, reverterá em benefício das mesmas.

ESCOTEIROS!

- Cumpram o artigo 9.^o
da Lei, depositando suas
economias na CAIXA ECO-
NÔMICA FEDERAL DO RIO
DE JANEIRO

VALE A PENA!...

MENSAGEM DE BADEN POWELL AOS PIONEIROS (1939)

Quando se chega à minha idade — note-se que eu não me sinto absolutamente velho, mas minha certidão de idade diz que tenho mais de 82 anos — que quereis, quando se chega a tal idade surpreendemo-nos de ver como a vida passou depressa: desta extremidade ela é terrivelmente curta.

Naturalmente lança-se um golpe de vista para traz: medita-se e vê-se quantas horas desperdiçou-se na vida, fazendo pequenas coisas efêmeras que, afinal de contas, não têm importância alguma; vasculha-se febrilmente no passado com a esperança de encontrar uma coisa que VALHA A PENA, que justifique os sacrifícios feitos pela nossa educação, que seja digna de nossa inteligência, alguma coisa mais alta que a única ambição de se elevar acima dos seus semelhantes, algo melhor que a falsa caridade que consiste em dar o que nada nos custa, e assim por diante.

Em uma palavra, as horas consagradas ao divertimento superaram as que fôra votadas ao DEVER E AO SERVIÇO DO PRÓXIMO?

Tal é a acusação a que cada um de nós deve responder no fim da vida e é uma coisa que não nos prende bastante a atenção enquanto somos jovens.

Nêste processo, a nossa Consciência será o promotor; que teremos a dizer em nossa defesa?

Eis porque nesta VIGÍLIA D'ARMAS que fazeis, homens que entraís na vida, submetemos êste ponto de vista às vossas reflexões. Fôstes meninos. Entregastes-vos de coração aberto às delícias descuidadas de uma adolescência sã e bulhenta e como escoteiros assimilastes algumas

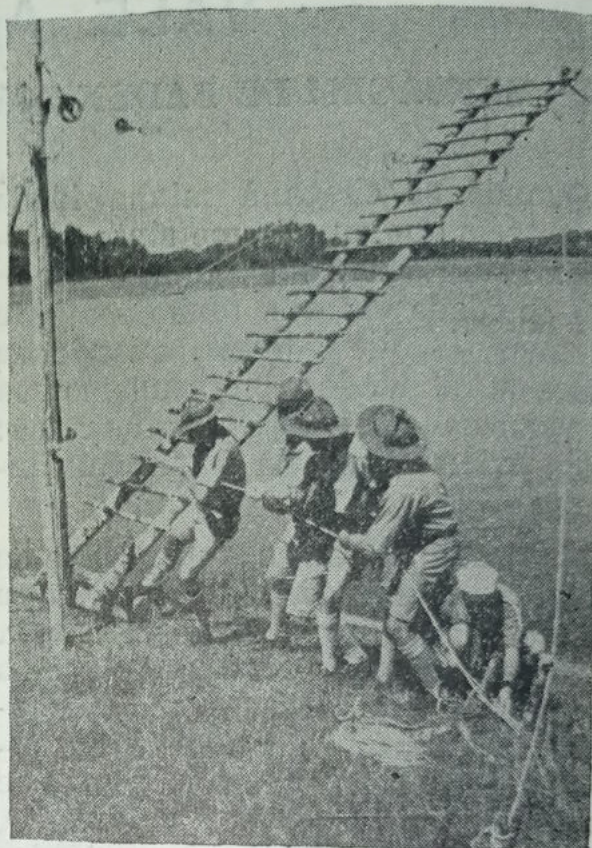
das qualidades que fazem o HOMEM — pelo menos eu o espero; seria uma deshonra para o vosso chefe se assim não fôsse — aprendentes a controlar-vos, a ter vistas largas, e a serdes guiados pelo vosso senso de Honra.

Mas agora que sois homens é a vossa vez de pôr na prática diária da vida, o que aprendestes como Escoteiros e o ESPÍRITO da Lei Escoteira.

Há também coisa que provavelmente não aprendestes como jovens meninos: é MEDITAR.

Enquanto escrevo estas linhas, cada batida do meu coração me adverte que mesmo que termine êste 82.º anos, de qualquer maneira não terei outro tanto para viver. Podeis portanto considerar minhas palavras como um premente convite, meus caros Pioneiros, para MEDITAR sôbre a vossa vida e o que fareis dela. Representai-vos o que vereis ao olhar para traz quando vos encaminhardes para o fim. Nunca se sabe quando êle chega, êsse fim. Será talvez nos 82 anos, talvez mais cedo; assegurai-vos de que não estejais desperdiçando os curtos anos que tendes diante de vós, mas sim que estejais experimentando fazer alguma coisa que VALHA A PENA — para si e para vossa família, sem dúvida — mas sobretudo, para o PRÓXIMO.

Não vos esqueçais que vosso estado de fortuna ou saúde pouco importa, por peior que seja: sempre podereis fazer brilhar um raio de luz e de felicidade na vida de outrem e assim fazendo atraireis sôbre a vossa a felicidade mais pura que pôde existir. Cumprir o dever para com os semelhantes faz parte do vosso dever para com Deus e isso vos ajudará a fazer com que reine a PAZ DIVINA e a BÔA VONTADE NO MUNDO.



CURSOS DE CHEFES DA INSÍGNIA DE MADEIRA

Nestas duas fotografias podemos apreciar algumas das múltiplas atividades que um Curso de Chefes da Insígnia de Madeira proporciona a todos os participantes, na melhor contribuição para que possam dirigir, com eficiência e segurança, suas futuras Tropas Escoteiras.



Atividades da Região Escoteira do Paraná

A Região Escoteira do Paraná promoveu, de 14 a 17 de outubro findo, um Acampamento Geral das Tropas Escoteiras de Curitiba que em número de oito participaram desta atividade.

De 18 a 19 de dezembro promoveu o "1.º Acampamento de Lobinhos", no local denominado Boa Vista, no quilômetro 40 da estrada Joinville, com o objetivo da confraternização dos lobinhos e de uma melhor objetividade na técnica do Lobismo.

De 27 a 30 de dezembro vai promover um Acampamento Geral na ci-

dade de Guarapuava, em que tomarão parte tôdas as Tropas Escoteiras da Região, que serão conduzidas em vagões especiais para aquela cidade paranaense.

No Acampamento Geral de 14 a 17 de outubro, a Patrulha "Pinheiros" dos Escoteiros Seniores, aproveitando quatro árvores do terreno, construiu um edifício "Balança, mas não cai", pois fêz três andaimes, ali instalando suas barracas e sua cozinha, vivendo, por assim dizer, "aéreamente", tendo tirado o primeiro lugar, sendo-lhe entregue o troféu "W. Crocker".

VIVER O ESCOTISMO

(Traduzido do «El Scout Argentino»)

O Escotismo com seu caráter de escola integral, podia-se dividir em duas grandes funções pedagógicas, em duas fundamentais bases instrutivas: a educação moral e a educação física. A primeira, por sua importância na formação da personalidade do educando, constitui o essencial na finalidade escoteira. Mas, a segunda representa um complemento indispensável para alcançar essa mesma integridade que se deseja na sua personalidade. Um sem o outro, desfiguraria o verdadeiro caráter da obra, pois o Escotismo não seria mais que uma instituição com fins puramente moralistas ou espirituais, senão perseguisse nada mais que a formação do caráter, a elevação moral, o aprimoramento do conceito de honra, a dignidade, a nobreza; não passaria de ser uma entidade meramente desportiva ou de cultura física, se outro objetivo não tivesse que a prática dos são esportes, dos jogos e da ginástica metódica. O Escotismo se qualifica como escola de preparação para a vida e modo mesmo de viver, com toda a magnitude e responsabilidade de uma obra de tal natureza, porque precisamente reúne em si e coordena metódicamente esses objetivos tão fundamentais. E há uma particularidade característica na educação escoteira, que a define muito especialmente. O Escotismo é uma escola eminentemente prática. O Escotismo se vive e vivendo-o se compreende toda a sua amplitude. Não é um cátedra científica que possa ser ditada por um professor numa aula. Não é uma teoria filosófica ou uma doutrina absolutamente idealista. O Escotismo não está nas páginas dos textos, mas sim, no acampamento, em pleno contato com a natureza. A moral do escoteiro, seu caráter, seu modo de agir, não se vai formando, não se define, mediante profundas dissertações orais, ou prolongadas aulas teóricas, utilizadas como sistema educativo, mas sim, no que se estrutura, se modela, se prepara na disciplina de uma vida metódica, no cumprimento do dever cotidiano, na rudeza mesmo do ambiente natural. Seu corpo não só se desenvolve harmonicamente, como também passando por essa métrica cultura física, busca a real integridade que constitui o auto disciplina individual. Se inculca ao escoteiro o con-

ceito de Pátria e se exaltam seus sentimentos patrióticos. Porém, não é um conceito indefinido e pálido, mas sim uma oportunidade que o escoteiro tem de sentir esse ideal sublime, nas simples e emotivas cerimônias diárias de içar e arriar o pavilhão, no calor dessas marchas que cantam em cântico, e que elevam seu espírito e o fazem mais forte, na mesma disciplina de sua vida corrente. Ensina-se o escoteiro a ser perseverante e a lutar até o final de suas forças, em qualquer situação da vida, e o escoteiro aprende a ser perseverante desde o momento em que, no jogo, ao buscar com vigor, com empenho, com entusiasmo uma pequena pista, um simples rastro, e regressar pelos seus sinais deixados, para retomar com inesgotável paciência, ao último sinal, ao perceber de que seguiu uma pista errada. Se educa o escoteiro no amor ao seu semelhante e o escoteiro aprende a querer fraternalmente o camarada, quando dividem a mesma barraca, longe do lar, vivendo em harmonica comunidade, unido até na uniformidade de sua vestimenta e de seus atos. O escoteiro deve ser digno de confiança, e começa a ser desde que se lhe confie a sua guarda um lugar ou um objeto; deve ser útil e o é, desde o momento que se baste a si mesmo, para preparar o próprio alimento como para afrontar as imprevistas contingências da vida. Não basta, por tudo isto, conhecer os princípios sustentados e a finalidade desejada, para ser escoteiro. O Escotismo é um sistema de vida, um modo de viver, uma forma de viver. Para ser verdadeiro escoteiro, é imprescindível caracterizar-se como tal, no modo de agir e trabalhar. E o melhor escoteiro não é o que conhece mais e as normas escoteiras mas, precisamente aquele que mais e melhor aplica em sua vida diária, e suas pequenas e grandes coisas, a prática do Escotismo. Porque o Escotismo se vive e se pratica no atelier, na oficina, na fábrica, no campo, em todo momento, em qualquer lugar e ambiente de qualquer espécie. O Escoteiro, se é na realidade escoteiro, é para toda a vida.

ADOLFO CAHIAN.

O QUE SÃO OS LOBINHOS

Tradução do 3.º ponto do Livro dos Lobinhos de Baden Powell.



As relações entre o instrutor e os Lobinhos são análogas às existentes entre a loba e seus filhotes, como nos descreve W. J. Long no livro «Northern Trails» — livro onde, seja dito de passagem, encontra-

mos muitas histórias encantadoras, sôbre os lobinhos da floresta, para os lobinhos que vivem em casa.

Eis o que diz o citado livro sôbre a loba:

«Nas belas tardes e longas noites de verão, conduzidos por ela, em pequenas expedições, aprendem os lobinhos a caçar em seu próprio proveito.

Não visam nem a esperta raposinha, nem o grande corvo: ratos, camondongos e outras prêsas insignificantes satisfazem as ambições da mãe par os seus filhotes.

E' surpreendente a rapidez com que os lobinhos compreendem que caçar é diferente de colher morangos e mudam seus métodos de ataque, rastejando em lugar de trotar livremente, escondendo-se atrás de rochedos e capoeiras até precipitar-se num pulo certo sôbre a prêsa.

Um lobo que não sabe apanhar gafanhotos não pode se meter a caçar coelhos — eis o princípio que parece seguir a velha loba quando, nas tardes de sol excursiona com seus lobinhos sôbre as margens secas do rio, como se não soubesse da existência de espessos bosques, onde a caça se esconde em bandos.

Durante horas seguidas correm atrás dos ágeis gafanhotos, caindo, aqui e ali, sôbre o musgo resecado, para abater a prêsa volante com as patas erguidas como gatinhos ou saltando no ar de guela aberta para devorá-los ferozmente e caindo a seguir com o cuidado de curvar os quartos trazeiros rapidamente para evitar, uma cambalhot de focinho.

E depois, repuchando num «ritus» cômico o focinho, o nariz afilado em ponto de admiração, parte de novo, procurando um novo gafanhoto.

Tarefa mesquinha e ridícula é êste jôgo de caça aos gabanhotos».

Esta é sem dúvida a impressão que nos causa êste arremedo de caça e também por certo à mamãe loba que conhece tôdas as

modalidades de caçada, dos grilos ao veado, do pardal e ao pato selvagem. Mas o jôgo é o primeiro e grande educador. Isto é verdade, tanto para os animais como para o homem — e para os lobinhos estas corridas desatinadas, perseguindo gafanhotos é tão apaixonante quanto para a Alcateia de velhos lobos, uma caçada ao javalí é tão fértil em surpresas quanto uma marcha pela neve a procura de uma ninhada de lince.

Sem nenhuma dúvida, nestas tardes cheias de sol, em todos os momentos do Jôgo, êle está aprendendo cousas que não esquecerá e que serão, úteis em todos os dias de sua vida.

Desta forma agiremos com os nossos lobinhos.

Pelos jogos, brincando, iremos ensinando apenas coisas que os tornarão capazes de fazer grandes coisas, seriamente, quando chegar o momento oportuno.

Numa alcatéia de lobinhos, a grande diretiz, aquilo que os atrái, o que tráz remédio para os seus defeitos, é fazer dêles uma família — não sômente uma família, mas uma família feliz.

Os garotos adoram a algazarra que fazem. Quando brincam, êles se dão de coração aberto, se o chefe de lobinhos, tiver o espírito necessário para organizar dêste modo o programa de atividades.

O Riso é essencial. Na educação dos Escoteiros, nós pedimos que se considerasse o sorriso como um saneamento indispensável. Nos Lobinhos o sorriso não basta: é preciso rir. Rir combate à maior parte dos defeitos dos meninos, através da boa camaradagem e franqueza. **Um menino que ri, não mente.**

COMO CONDUZIR UMA ALCATEIA

Após ter dito alguma coisa sôbre a psicologia do menino e sôbre o espírito com que devemos encarar as atividades com que o ocupamos — o que tem grande importância conhecer para tornar útil o esforço que empregaremos em educá-lo — eis algumas sugestões sôbre o modo de organizar e chefiar uma alcatéia.

Contentai-vos com poucos para começar. E' comum a tentação de iniciar com uma grande alcatéia. E' um êrro.

E' necessário estabelecer, num número restrito, o espírito de alcatéia para ter um

punhado de bom fermento que fará subir a massa que vier depois.

E ainda assim não convém visar uma grande alcatéia. A minha experiência diz que 16 é o número máximo que posso controlar individualmente.

Admitindo que os outros sejam mais capazes que eu, recomendo 24 como o número de Lobinhos que um homem pode dirigir de modo satisfatório.

Evidentemente é possível «exercitar», «polir»; mas polir não é educar.

AS MATILHAS

E' questão aberta saber se é necessário dividir as Alcatéias em Matilhas.

A Matilha se compõe de 6 lobinhos sob a direção de um menino chefe, o Primo.

Se repartirmos em Matilhas, não o faremos simplesmente por razões de comodidade, mas com a idéia de dar aos Primos uma verdadeira responsabilidade e aos componentes da matilha uma certa independência e no espírito de grupo.

A dificuldade está em encontrar Primos que tenham caráter e conhecimentos sufi-

cientes para tomar essa responsabilidade; mas, quando dispuzermos dos serviços de escoteiros para esse cargo, poderemos contar com uma quase certeza de sucesso.

O Lobinho médio que é graduado como Primo, não tem em geral esta autoridade; na maior parte das vezes vê apenas o aspecto exterior da função e «enche-se de vento».

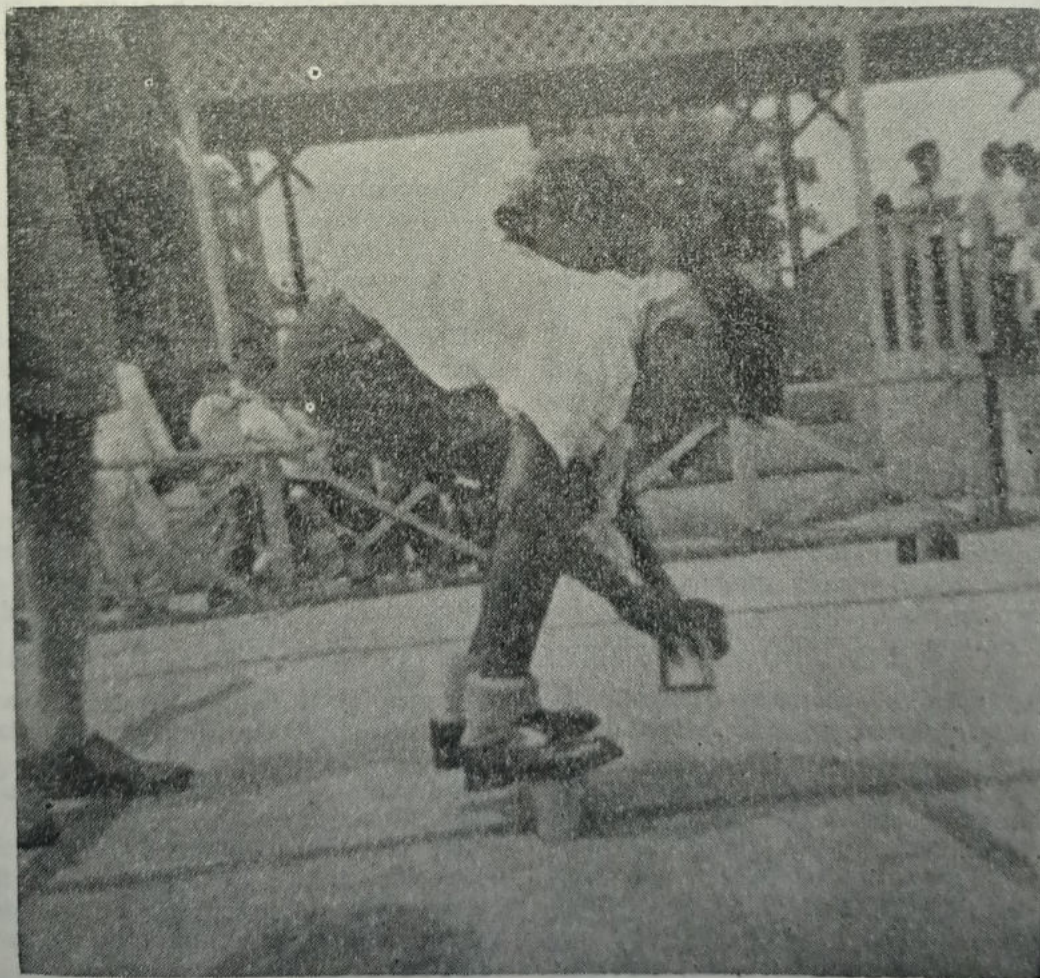
Remediar esses defeitos dos Primos trocando-os com frequência não é bom nem para eles nem para os meninos.

PAIS

Um grande auxílio para quem deseja vencer é procurar manter contacto com os pais do lobinhos, pedindo-lhes sugestões e especialmente interessando-os, na vida da alcatéia, explicando a razão das diversas medidas que forem sendo tomadas.

REUNIÕES

Reunir os lobinhos em dia e hora fixa, o mais frequentemente que puder, é medida acertada. A pontualidade dos meninos de-



Lobinho da Alcateia Azul da Tropa Natalino da Costa Feijó, no jogo de «atravessar o rio».

verá provar não tanto a sua disciplina como o ardor com que seguem a vida da alca-téia, tendo receio que, em sua ausência, aconteça alguma coisa de notável.

Preparar o programa antecipadamente de modo a não ter que interromper o ritmo da reunião para pensar no que fará a seguir e dispôr esse programa de tal forma que os meninos possam aprender tudo, menos ficar ociosos.

Nem espectadores, nem meninos esperando a vez. Todos devem estar ocupados ao mesmo tempo, quer nos trabalhos, quer nos jogos. É bom lembrar que nesta idade o espírito da criança não fixa sua atenção muito tempo sobre o mesmo objetivo. Variedade, mudanças frequentes, contrastes devem caracterizar o programa organizado.

Insistir, por meio de elogios e não por punições sobre a perfeição das pequenas coisas: detalhes do uniforme, limpeza dos calçados, boa apresentação, primazia na saudação.

HISTÓRIAS

Um chefe de lobinhos em qualquer momento pode obter dos meninos uma atenção inextinguível, contando-lhes uma história a este é o meio que deve utilizar para apresentar todas as lições que desejar imprimir na mente dos meninos.

A pílula, deste modo dourada, é de efeito certo se o contador de histórias souber realmente contá-las.

Mas há, nesta arte, certas condições de sucesso; vale a pena estudar o livro de Marie Shallock: *A Arte de Contar Histórias*. Vale a pena também usar o bom senso e ter alguns conhecimentos da natureza da criança. Não se deve ler histórias; é necessário contá-las, de modo natural, sem demasiada tensão e brincando de vez em quando. A voz super aguda, velha, a voz do chacal, a voz gutural do tigre também os movimentos de reptação da serpente — imitados com a mão, e os punhos cerrados do trabalhador posto fora de combate, são elementos essenciais na arte de contar histórias.

Mas, sobretudo, não consiste que a história seja interrompida quando todos estão suspensos para ouvir o desenlace — nem questões propostas ao auditório, nem vindas dele — continue até o grande suspiro de final de satisfação.

REPRESENTAÇÃO

Um outro processo de educação moral que traz resultados certos; compor e representar pequenas peças. Será útil que estejam relacionadas com as histórias contadas. Vou

sublimar algumas das vantagens que oferece este método: expressão, concentração de espírito, desenvolvimento da voz, imaginação, dramatização, humor, sobriedade, disciplina, instrução histórica e moral, luta contra a timidez, etc.

O Chefe de Lobinhos desobrirá tudo isto por si mesmo desde que veja que valiosa ajuda trazem essas representações e como os meninos, que estão precisamente na idade do drama e da ficção, aceitam bem e auxiliam os seus esforços.

As anedotas e as cenas improvisadas são também tão boas quanto as representações minuciosamente preparadas e repetidas.

EDUCAÇÃO PELOS JOGOS

Na primeira parte deste livro dei em cada etapa do programa, 1 ou 2 exemplos de jogos e exercícios, não tendo de nenhum modo pretendido organizar uma lista completa. Dei isto ao cuidado do Chefe de Lobinhos.

Grande será o seu sucesso se souber usá-los, principalmente compreendendo as vantagens morais e físicas de cada um deles, para rapazes e para o grupo, e classificando-os como vaia abaixo, pelas suas características:

Para disciplina e cooperação — Jogos por equipes como basket-ball, foot-ball, hockey, etc.

Concentração de esforços e de espírito: — Atravessar a prancha; saltar pelas pedras do rio, atirar a bola a um alvo, etc.

Observação — Jogo de Kim, Pista, caça a folhas de árvore, etc.

Construção — Papagaios, aeromodelismo, barcos a vela, modelos de pontes, etc.

Habilidade manual — Nós, desenhos, tecelagem, etc.

Educação física — Saltar em altura e distância, rodar um arco, etc.

Golpe de vista — Achar rapidamente um objeto que está na sala, à vista, etc.

Com estes jogos pretendemos:

Por meio da **habilidade manual** desenvolver a aplicação, o gosto da construção, etc.

Por meio do **Estudo da Natureza** encorajar a observação, a religião, a bondade para com os animais.

Por meio de **jogos**, estimular o riso, o bom humor, a camaradagem.

Por meio da **ginástica** tirar partido da emulação para o desenvolvimento físico.

Por meio de **jogos por equipe** desenvolver a abnegação, a disciplina e o espírito de grupo.

Tendo estas finalidades, os jogos valem na educação dos jovens tanto quanto as horas passadas na escola.

Para concluir devo dizer que o programa que sugeri é, muito voluntariamente, um esboço com alguns detalhes.

Servirá de esquema para que o Chefe de Lobinhos organize, o seu próprio programa de educação.

O essencial é que seja bem compreendido o fim e o espírito do movimento, conforme aqui indicamos.

Eu não quero que os chefes de Lobinhos se sintam tolhidos pelas tradições, regras e programas.

É preciso tomar cuidado para não transformar o programa de escoteiros em programa de lobinhos. O que é para Escoteiros,

não se adapta à psicologia dos Lobinhos. E isto prejudicaria o desenvolvimento do lobinho na sua ambição de ser promovido a dignidade de escoteiro.

Espero que este livro seja útil aos chefes de Lobinhos, não só por lhes sugerir as linhas gerais das suas atividades e as razões que os justificam, como por lhes fazer ver que as dificuldades que parecem montanhas intransponíveis, vistas de perto e abordadas com jeito não passam de montinhos de terra — que o trabalho que terão de realizar tem tantos atrativos para os instrutores quantas recompensas trás às jovens vidas que lhes são confiadas, dos futuros cidadãos da nossa Pátria.



Habilidade manual

(Comentário traduzido da revista "The Scout", por Mário Brock)

Não sou muito hábil com linha e agulha, quando se trata de fazer mais do que pregar um botão; porém certa vez fiz uma camisa para o meu uniforme e muito alegre fiquei nessa ocasião. Este notável acontecimento tinha-me saído da memória até que vi no volume de 1913 do "The Scout" (O Escoteiro) uma fotografia dos irmãos Martins envergando os uniformes Escoteiros completos que haviam feito.

Os mesmos eram membros de minha Tropa Escoteira e eu havia mostrado a foto e um artigo descrevendo como tinham feito seus próprios uniformes, a Mr. Bernard Everett, naquela ocasião o editor do "The Scout" e meu patrão, o qual ficou muito contente em publicá-los como incentivo para que outros escoteiros se habilitassem em costura.

O pessoal da nossa Tropa ficou alegre. Vocês compreendem, um dos Sub-chefes era alfaiate de senhoras e tínhamos que usar u'a máquina de costura de pedal. Aqueles de nós

que queriam fazer uma camisa ou um par de calças aderiram à sua aula e nas noites dedicadas a passa-tempos, compravam o material necessário e prosseguiam com o trabalho sob sua direção.

O recortar era a parte mais difícil. Fazíamos-lo com o auxílio de modelos de papel e sob os olhos vigilantes de nosso instrutor. A seguir reuníamos os pedaços com compridos alfinetes — parecia com o resolver de um quebra-cabeças — e experimentávamos o traje para vêr se asentava. O Sub-chefe cuida disto e quando estava satisfeito, prosseguíamos então com o costurar pròpriamente dito. Era um grande momento quando chegava a hora de provar o trabalho terminado.

Gostaria de saber se algum dos leitores já fêz uma camisa ou um par de calças. Se já, desejaria ouvi-lo a respeito. Caso você possa tirar sua fotografia envergando um uniforme feito em casa, poderei reproduzí-la nesta página e enviar-lhe um prêmio. Tôda esta conversa sôbre fazer o próprio uniforme pode levar, alguns de vocês a prôcurarem informações sôbre como e com que trabalhar. Por que não falar sôbre isso com mamãe?

Acampamento Internacional de Patrulhas

As impressões de um escoteiro português

Na representação dos Escoteiros de Portugal fazia parte José Eduardo Pena Ribeiro, escoteiro lisboeta e filho do chefe Eduardo Ribeiro, diretor do mensário "Sempre Pronto" tão conhecido entre nós. Eis a entrevista que êste escoteiro concedeu a aquele mensário, dando suas impressões sobre o Acampamento Internacional de Patrulhas:

— Então, José Eduardo, satisfeito com a viagem?

— Muito satisfeito! Mas outra coisa não era de esperar, visto que desde a nossa partida até ao último dia em terra brasileira, fomos sempre rodeados de um carinho e de um ambiente de simpatia de tal forma agradável que não podíamos senão estar satisfeitos.

— E a bordo? — interrogámos.

— A bordo fomos também carinhosamente acolhidos. A oficialidade e tripulação rodeou-nos sempre de atenções que só terminaram com o desembarque. No regresso, o sr. Comandante levou a sua gentileza ao ponto de convidar o nosso escoteiro marítimo a visitar a ponte de comando e os restantes a casa das máquinas.

— Que impressão colheste da chegada ao Rio de Janeiro?

O nosso entrevistado pensou um pouco e depois disse:

— O que mais nos impressionou foi o entusiasmo com que os portugueses, que aguardavam a chegada do "Santa Maria", nos saudaram e vitoriam Portugal. Era um entusiasmo contagiante. Foi também muito agradável para nós, receber a visita simpática dos dirigentes do Escotismo brasileiro. Primeiro o chefe Mauro V. Galiez, Comissário Internacional logo seguido do chefe Léo Borges Fortes, que já tínhamos o prazer de conhecer e que com o seu espírito jovial logo por mim perguntou. Depois o Comandante José Araújo Filho, e logo juntos, os chefes João Fernandes Brito e David M. de Barros, delegado do nosso jornal e um grande amigo nosso. Afinal todos foram bons amigos e a todos recordo com saudade.

Para completar êste primeiro contacto com os nossos irmãos brasileiros, ainda encontrámos no cáis o sr. dr. João Ribeiro dos Santos, Comissário dos Lobinhos, que se veio a revelar um bom companheiro e um amigo fixe dos portugueses".

— Temos ouvido falar muito da vossa chegada ao Rio de Janeiro e pouco sabemos da recepção em Santos. Que tal foi o acolhimento nesse último pôrto?

— Não foi inferior ao Rio de Janeiro. Outras caras mas o mesmo afeto e entusiasmo. Estavam ali os chefes João Mós e Henrique Barroqueiro, ambos portugueses, servindo a U.E.B. O primeiro será conhecido dos leitores do nosso jornal porque já tem colaborado nestas colunas. Também ali se encontravam os srs. Comendador Pereira Queirós, Diretor da Casa de Portugal; Comandante Matoso, Afonso Salgado, Abel Estrada, J. Sampaio e outros portugueses, todos representantes da Casa de Portugal de São Paulo, que nos receberam com um carinho inexcedível e conosco "mataram" saudades da Pátria.

— Impressões da estadia em S. Paulo?

— São Paulo é uma cidade em ponto grande, mas maior ainda foi a amizade de que fomos rodeados ali. A colônia portuguesa foi de uma gentileza sem limites. Alguns dos meus companheiros foram aboletados em casas dos srs. Alberto Temudo, João Cunha Sotto Mayor e Gonçalves Pires. Eu dividi o meu aboletamento pelas casas do sr. Prof. Dr. Eurico de Figueiredo e de seu filho sr. Vasco de Figueiredo, que me acolheram como membro da família e aos quais estou muito reconhecido. Em casa do Prof. Figueiredo estava também o seu sobrinho e meu camarada Eurico.

— Era aprazível o local do Acampamento?

— O Acampamento estava montado numa grande clareira rodeada de bosque por três lados e de reprêsa pelo outro. Pela primeira vez acampej num local onde se podia abater as árvores que quiséssemos, o que fizemos, para a montagem do nosso campo. Junto à reprêsa havia também uma mata de bambus que também estávamos autorizados a cortar.

— Muita camaradagem, fizeste muitos conhecimentos?

— Essa foi uma das mais interessantes características do campo. Houve de fato muita camaradagem entre portugueses e brasileiros e, na generalidade, com todos os contingentes estrangeiros. Adquiri algumas amizades com escoteiros, e até com chefes, que se revelaram bons companhei-

ros e dos quais conservo boa recordação. O mesmo aconteceu com os membros da nossa Delegação.

“Conservo um símbolo deste espírito de amizade do A.I.P. No Fogo de Conselho de Encerramento, aguardei pacientemente que se apagasse a última braza da fogueira e trouxe-a comigo. Essa braza está apagada, mas representa o calor da amizade escoteira que jámais se apagará no Mundo”.

— Que acontecimento no campo mais te impressionou?

— O que mais me impressionou foi o arrear da bandeira portuguesa no dia 31, dia destinado à visita do público. O sinal de içar e arrear as bandeiras das nações era dado pelo sino do glorioso couraçado São Paulo, oferecido aos escoteiros. Quando soavam as badaladas, todos os escoteiros, em que ponto do campo estivessem, se punham em sentido e em continência, dedicando êsse momento à lembrança da Pátria. Nessa tarde a bandeira portuguesa arreada pelo Fernando Laranjeira descia vagarosamente no mastro e, antes que êle a pudesse segurar, três senhoras portuguesas agarram-na e beijaram-na enquanto as lágrimas corriam copiosamente pelos faces, movendo todos aqueles que assistiam ao ato e forçando, com o seu enternecido gesto, a cerimônia a demorar-se mais do que era costume. A atitude destas senhoras provocou uma extraordinária ovação a Portugal, com vivas e palmas, da parte de muitos escoteiros e muitas centenas de visitantes.

— Tênicamente qual foi a melhor Delegação estrangeira?

— E' uma pergunta difícil, porque o trabalho do meu campo não me permitiu apreciar devidamente o trabalho das outras patrulhas. Contudo, gostei muito do trabalho dos chilenos, que eram meus vizinhos, embora não possa afirmar que foram os melhores.

— E as patrulhas portuguesas agradaram?

— Eu sou suspeito, portanto, não direi a minha opinião pessoal. Mas posos afirmar como outros dirigentes e chefes de Acampamento, nos consideraram a melhor turma estrangeira e até o nosso chefe recebeu uma placa em que essa afirmação é feita por um dos mais notáveis chefes da Nação irmã.

— Então vocês vêm todos babosos?

— Tanto não, mas vimos satisfeitos por termos coroados de êxito os nossos esforços e do nosso chefe que, com o seu conselho e interêsse, bastante nos ajudou. Fizemos todos o melhor que pudemos, para honrar o Escotismo português.

— Quais foram os trabalhos que apresentaram no vosso campo?

— Armámos a nossa tenda sôbre estas cas, com dois metros de altura, chegando a estar lá em cima 14 pessoas. Quisemos fazer um mirador com dois pisos para se avistar todo o Acampamento, mas como não tivemos tempo de acabar e não nos chegaram as espia, ficou só com o primeiro piso a 1,5 m. de altura. Fizemos um armário para louça, uma mesa de campo e a cozinha.

— E a outra patrulha, que fêz?

— Apresentou trabalhos interessantes, como um mirador feito de bambus que atingiu uma altura de, talvez, uns 4 metros. Um cabide à entrada para as visitas colocarem o chapéu, uma mesa e a cozinha. Apresentaram ainda uma porta aproveitando a construção do mirador.

— E foram apreciados os trabalhos?

— Muito apreciados, tendo despertado a curiosidade dos visitantes.

— Tiveram muitas visitas os vossos campos?

— Nesse capítulo fomos até privilegiados. Tivemos muitas visitas. Especialmente os portugueses visitaram-nos e levaram-nos bolos e doces saborosíssimos.

— Gostastes dos Fogos de Conselho?

— Gostei muito. Principalmente dos números folclóricos apresentados. E nós também apresentámos, além de canções, um “vira”, que foi muito aplaudido e mereceu a atenção da imprensa que nos fotografou e publicou gravuras nos seus jornais.

— Portanto, estás satisfeito?

— Muito satisfeito mesmo. Recordo já com saudade não só os dias de Acampamento, mas também tantos amigos que deixámos no Brasil. Peço ao “Sempre Pronto”, para ser intérprete do meu reconhecimento a todos.



...e não se esqueça de colocar
no seu bernal um pacote de

BISCOITOS AYMORÉ

LOBINHOS

Pelo

Comissário Geral de Lobinhos

O TRABALHO MANUAL DOS LOBINHOS

B-P. em vários livros e artigos sempre frizou que o adestramento no método Escoteiro seguia quatro direções:

- 1) Caráter.
- 2) Saúde.
- 3) Trabalhos Manuais.
- 4) Serviço ao próximo.

Quando se diz — método escoteiro — não estamos, evidentemente, fazendo referência ao Ramo Escoteiro. Método Escoteiro engloba todo o treinamento contínuo e progressivo que começa no Lobinho de 7 anos e termina, si é que realmente termina, com o adestramento Pioneiro e o adestramento de Chefes.

Que esperava B-P. dos Trabalhos Manuais? Caráter e Cidadania.

Em qualquer dos quatro pontos citados acima o adestramento se faz pela ação. O homem, em qualquer idade e em qualquer dos ramos do conhecimento humano só aprende fazendo. Só fazendo aprendemos atividades físicas como nadar ou andar de bicicleta. Só fazendo aprendemos atividades intelectuais como resolver problemas de matemática ou fazer crítica de arte. Só fazendo aprendemos atividades morais — ou imorais — como o altruísmo ou o roubo. E a própria forma das atividades emocionais parece que se aprende fazendo, do instante do nascimento até mais ou menos o segundo ano da vida terrena.

Ora, os Trabalhos manuais, não são mais do que aprender a fazer coisas. Idealizando e executando até o fim; errando uma, duas ou mais vezes, e aprendendo com o erro; ganhando experiência com cada erro e tentando de novo para acertar; acertando e procurando se aperfeiçoar; conseguindo, ao lado da perfeição, maior rapidez e habilidade; e empregando a habilidade e a experiência para idealizar e executar coisas mais difíceis.

Nos trabalhos manuais, ou seja, na arte de fazer coisas, adestram-se as mãos, os dedos e os braços afinando o tato e o sentido muscular até um ponto de perfeição que nos habilite a usá-los com uma sensibilidade micrométrica. O cérebro, olhando pelas janelas dos olhos, participa inteira-

mente do trabalho manual, pela atenção concentrada, pela correlação visio-motora, pela imaginação criadora, pela visão espacial (estaria mais em moda dizer visão em 3-D) e mais a memória e a capacidade de julgamento por indução e dedução.

Outro grande princípio do método escoteiro é — expressão em lugar de impressão — o que significa que devemos fazer com que o menino expresse, apresente, exponha, aquilo que aprendeu por seu próprio esforço, em lugar de procurar meter dentro do cérebro do menino, a marteladas, as coisas que julgamos boas. A pessoa que consegue expressar seus sentimentos, que consegue expressar suas habilidades, com o cunho de sua personalidade, com o sêlo de sua originalidade de pensamento, antes de tudo toma maior interesse pelas coisas que o cercam e pelo que faz e, em segundo lugar, sente-se mais feliz individualmente e socialmente. Aumentar o interesse, dar expressão à personalidade, fazer feliz são positivamente alvos do Escotismo.

Só fazendo coisas, só trabalhando manualmente pôde o menino aprender a gostar de produzir, e portanto, aprende a gostar de trabalho. Todos sabem que êste é um problema dos mais difíceis que o Brasil enfrenta hoje. Nossa produção é insuficiente para o consumo e para a exportação. A crise econômica é uma crise de produção. Como povo não temos o amor da produtividade. São frases correntes que procuramos “ganhar o máximo, produzindo ou trabalhando o mínimo”, e na gíria, “não querer nada com o trabalho” e “sombra e água fresca”. Pouca gente esboça um gesto de protesto contra essa situação clássica de tragédia grega — o destino destruindo implacavelmente homens e coisas, e êstes aceitando os fados irreversíveis enquanto o côro comenta impassivelmente o que está acontecendo e louva os deuses.

O gôsto de trabalhar é mais facilmente implantado na idade dos Lobinhos do que na idade dos Escoteiros. Incentivada, estimulada, apoiada, tendo em mãos o material e, (isto é muito importante!) a liberdade de fazer o que quizer e não uma tarefa — lição determinada, a criança aprende a se expressar pelo trabalho, aprende a realizar seus pensamentos em ação, e aprende, fazendo, a gostar de produzir. O

sucesso das Escolinhas de Arte que Augusto Rodrigues e outros tem espalhado pelo Brasil e o insucesso dos trabalhos manuais nos ginásios, têm explicação fácil: nas primeiras há liberdade de expressão, é uma atividade livre; nos ginásios é matéria, tem notas, há tarefas-lições, e faz-se o que o professor aconselha, porque dêle vem a aprovação.

Só os Lobinhos, por não estarem ainda no Ginásio, ainda não aprenderam a detestar os trabalhos manuais como matéria escolar. Só com eles temos a chance de ensinar a gostar de trabalhos manuais como uma atividade livre de auto-expressão. Parece portanto que cabe aos Chefes de Lobinhos a missão de aumentar a produtividade do povo brasileiro para daqui a vinte anos. O programa é audacioso, demorado, mas precisa ser posto imediatamente em ação.

Como devemos agir?

Nada há de mais fácil no mundo. Dando simplesmente os materiais e deixando que cada um produza, com o material que quiser, aquilo que imaginar ou que resolver fazer. No princípio se conseguirá bem pouco. Uns farão alguma coisa insignificante e outras nada. Mas a coletividade começa a funcionar com seus instintos de competição, de imitação e de produção e em breve começa a florescer as personalidades e os desejos de perfeição.

Qual o material?

De todos os tipos e em quantidade suficiente para todos. Papel (para trabalhos de dobragem), Papel de cores (para tece-lagem, quadros de recortes tipo vitral, encapagem e encadernação de livros e fazer bandeirolas, enfeites, etc.), lã (para tece-lagem, bonecos de lã, crochê, tricô por agulhas ou máquina, etc.), sabão (para escultura), giz (idem e desenhos com giz de cores), massas plásticas e barro (modelagem e iniciação de cerâmica), madeira compensada e serra fina (recortagens e brinquedos) madeira mais grossa, serrotes, pregos, martelo, dobradiças, fechaduras, parafusos, lixa, verniz ou tintas, para trabalhos de carpintaria e marcenaria), fios elétricos, pilhas, lâmpadas, suportes e interruptores (para instalações, aparelhos de morse, etc.), Madeira macia, canivete, cola, etc. (para aéro-modelismos, modelos em geral, brinquedos, etc.), serpentina de papel, fitilho plástico, lã, cordões de várias cores, etc. (para fazer tranças, cintos, etc.), arame (para cestas, pratos, grelhas), rafia, vime, cipó, bambu, etc. (para cestas, bolsas, etc.), cartolina (para colar, cortar e armar, fazer álbuns de coleção, desenhar e recortar, etc.). Latas de metal e caixas de papelão (para fazer brinquedos e muitos

objetos úteis). Lacre, conchas, sementes grandes, pinhas, penas, etc. (para fazer bonecos, pássaros, animais fantásticos), tintas, papel, pincéis, táboas, ladrilhos, telas (para fazer quadros, painéis, etc.), linha, agulha, panos, botões, etc. (para ensinar a serzir, pregar um botão, remendar, fazer bonecos), Papel crepon (para fazer bonecos, flôres, fantasias de papel para representações da alcatéia) e mais uma centena de materiais que podem ser empregados em milhares de idéias originais para trabalhos manuais.

Qual a atuação de Akelá, Baloo, Baghera e outros assistentes da Alcatéia, inclusive pais ou mães que possam auxiliar nesta parte?

Ter livros com sugestões de trabalhos e muitos desenhos ou fotografias para que os Lobinhos vejam o que é possível fazer. Ter trabalhos feitos por outras pessoas (Lobinhos ou não) para que vejam trabalhos executados. Pegar o material e pôr-se a fazer coisas, mesmo sem dizer uma palavra para que os lobinhos se interessem, façam perguntar, se inspirem e comecem a trabalhar. Nada de aulas, nada de palestras, nada de trabalhos mandados fazer. Tôda a ação do instrutor — repetimos para tornar bem claro — é dar o material, sugerir que façam o que quiserem, estimular a imaginação com livros, objetos e o exemplo, responder a perguntas, ensinar a empunhar os instrumentos e ferramentas e dar as regras de segurança para evitar acidentes.

Não há perigo da criança se ferir com muitos desses materiais e instrumentos? — E' claro que há. E' impossível evitar todos os perigos e é bom que a criança saiba que há uma certa dose de perigo em tôdas as atividades da vida. Nosso papel é ensinar como usar as ferramentas, quais os perigos e como fazer para evitar os riscos maiores.

Há outras formas de estímulo? Sim fazer exposição dos trabalhos não para que os pais ou adultos vejam e fiquem orgulhosos, mas que outras Alcatéias visitem e procurem também pôr nos seus programas esta parte importante das atividades dos Lobinhos: Trabalhos Manuais.

Agora, um caso concreto: um Lobinho copiou o desenho de um coelho numa folha de madeira compensada, serrou-a cuidadosamente, fez uma base de madeira mais grossa, serrou fatias de cabo de vassoura para fazer as rodas, colocou as rodas na base e o coelho em cima, pintou tudo (base e rodas de vermelho e o coelho (?) verde claro com olhos pretos). Ficou um lindo brinquedo e Akelá estava muito orgulhosa pelo efeito dessa peça na próxima

exposição. O Lobinho levou-a para casa para mostrar a mamãe. Na próxima reunião da Alcatéia apareceu sem nada nas mãos e explicou que tinha vendido o coelho por 5 cruzeiros para o filho da vizinha, Akelá, decepcionada quanto a falta desta peça na exposição, só não desmaiou nem brigou com o Lobinho porque um gravíssimo problema saiu lá do inconsciente e tomou conta de todos os seus pensamentos. Eis o terrível problema: não será perigoso que uma criança nesta idade já tenha idéias mercantilistas, e troque por dinheiro o produto do seu trabalho?

Um caso concreto precisa de uma resposta concreta: Minha cara Aquelá. Educamos Lobinhos, Escoteiros e família para que sejam criaturas humanas, habitantes deste planeta chamado Terra e convivendo na sociedade atual e principalmente preparando-os para viver no futuro entre os homens. Fazer coisas para vender é coisa decente e ato normal da indústria e comércio. O dinheiro é um símbolo que facilita as trocas de mercadorias. Seu Lobinho produz coelhos verde-claro e gosta de sorvetes. O filho da vizinha tinha 5 cruzeiros, também gosta de sorvetes, mas prefere coelhos de madeira compensada. Houve a troca do coelho pelo dinheiro e depois a troca do dinheiro pelo sorvete. O filho da vizinha tem um coelho, o sorveteiro tem o dinheiro, e o seu Lobinho já teve a alegria dos sorvetes e agora está fabricando um novo coe-

lho. Todos estão satisfeitos e não houve em nenhuma dessas operações qualquer má-lícia ou fator deseducativo. Posso apenas dar alguns conselhos:

1) Não deixe que seu Lobinho se especialize prematuramente como um fabricante de coelhos verdes. Sugira outras formas de apresentação do produto e lembre a grande variedade de produtos que ele pode fabricar para vender.

2) Ensine que não é possível gastar todo o dinheiro recebido pela venda. Uma parte deve ser guardada para comprar madeira, pregos, tinta, martelo, pincéis, serrate, etc. para poder fabricar outros coelhos ou outra coisa qualquer. Só uma pequena parte é o pagamento do trabalho e lucro e pode ser empregado noutra coisa, um sorvete por exemplo. Mas lembre a necessidade de fazer economia, guardando uma parte do lucro para uma necessidade maior que surja, ou para aumentar o capital da fábrica de coelhos.

3) Para que o Lobinho não fique muito mercantilizado, sugira que um dos coelhos seja dado pelo Natal a um menino qualquer que não tenha brinquedos ou mesmo a um menino internado num hospital de crianças. Esforce-se para que ele dê, em vez de um, dois coelhos.

4) Não tabelle o preço dos coelhos cor- verde-claro porque sinão surgirá mais um mercado negro no Brasil!

CORRESPONDENTES ESCOTEIROS

Incrementar a correspondência entre escoteiros, estreitando a amizade que entre os mesmos existe, é um dos objetivos do Escotismo. Todo o escoteiro, como todo o chefe, deve ter seus correspondentes para permuta de impressões, troca de publicações e documentação escoteira, etc. Eis os enterços dos que desejam trocar correspondência:

Chefe Lauro P. Nunes — Av. Amazonas 1.395 — Pôrto Alegre (Estado do Rio Grande do Sul) — Brasil.

Escoteiro Hermán Bitancourt V. — Apartado NAL 22-75 — Medellin — Colômbia.

Bandeirante Rosemary Dander — Prosperidad 65 letra E — Escandón-Tacubaya — México.

Eternos Viajores

(Ao Chefe Albano da Silva, recordação do Acampamento Internacional de Patrulhas, São Paulo, 1954).

O sino do "São Paulo", em Santo Amaro,
Com badaladas graves anuncia
O arriar das Bandeiras. E reparo
Na Terra e o Céu, de mãos, à Ave-Maria.

Arfa o peito de amôr ao solo caro,
Enquanto a prece o lábio balbucia...
Momento de civismo, grande e raro!
E a Fé num "Sempre Alerta", ao fim do dia...

Mas noto agitação na gente lusa,
Pois nos modos se mostra assás confusa!
— Albano, monitores e meninos...

E' que ao som de trombeta (que som lindo!)
Do Tejo ao Prata, como em sonhos indo,
Lá se vão aos acentos argentinos.

F. Floriano de Paula

NOSSO DISTRITO

Pelo Assistente do Comissário de Distrito.

“Onde está o Alberto hoje? — perguntei ao chefe Castro quando estávamos andando para a casa depois da reunião na sua Tropa. Acho que sempre deixa uma boa impressão se um comissário de distrito visitando uma Tropa, pergunta por um ausente pelo seu nome próprio. Isto sugere entusiasmo, interêsse, e uma ótima memória.

— Que Alberto? — perguntou o Castro.

“Aquêlé rúivo, com sardas” — respondi, “Sub-Monitor da Águia”.

— “Você deve estar se referindo ao Roberto, da patrulha do Leão, disse o Castro. “Estranho que depois de visitar minha Tropa com uma regularidade monótona todos êstes anos, você não consegue aprender o nome dos escoteiros. Aliás, o Roberto já está ausente há três semanas, sem dar desculpas de espécie alguma. O monitor da patrulha está diàriamente com êle no colégio, e já o avisou que está fazendo a patrulha perder pontos, mas êle não toma jeito. Estou preocupado, porque o Roberto sempre foi um menino no qual eu tinha tôda a confiança; estava mesmo esperando que se tornasse o monitor da patrulha quando o João passasse para os Seniores”.

“Quantas semanas você espera antes de desligá-lo da Tropa?”, perguntei.

“Não desligo ninguém da Tropa por ausências, disse o Castro, até me convencer que êle quer ser desligado, ou até me convencer que o rapaz é irresponsável demais para se tornar um bom escoteiro”.

Você vai até a casa dêle pessoalmente, — perguntei — ou você acha que ir atrás dos faltosos diminui o seu prestígio?”

“Eu jamais me preocupo muito com o meu prestígio — disse o Castro. Os que se preocupam com êle são em geral pessoas que não tem mais nada em que pensar, mas eu não gosto de fazer visitas a casa de escoteiros faltosos a não ser que eu conheça a família muito bem, e tenha a certeza que é uma família feliz. Uma vêz tive um caso de um escoteiro que faltou a reunião por duas semanas porque não tinha uniforme, enquanto os demais o tinham. Acontece que êle fingiu ir à reunião, e quando os pais souberam que êle andava mentindo deu uma briga danada. Eu não tinha feito nada de mal, mas de qualquer jeito me senti como um bandido...”

Êle virou numa ruela, e perguntei porque não ia direto para casa.

“O Roberto em geral passa aí pela padaria para tomar sorvete mais ou menos a esta hora, — disse. “Se acontecer encontrá-lo isso lhe dará uma oportunidade de falar comigo, se quizer... e se êle não quizer, não há mal nenhum”.

Tivemos sorte, porque quando viramos a esquina o Roberto quase esbarrou conosco, equilibrando uma casquinha de sorvete na mão.

“Bôa noite Roberto — disse o Castro, como vai?”

O Castro não tem voz macia, mas êle sabe exatamente a maneira de falar com os rapazes, e o tom amigá-

vel dêle em nada sugeria que o Roberto tinha faltado três semanas de reuniões, sem mandar uma desculpa.

“Posso falar com o senhor, Chefe? A sós?”

Esperei na porta da padaria enquanto o Castro e o Roberto foram andando na direção da casa dêste último, imaginando que crime sinistro o Roberto não estaria confessando.

O Castro ainda estava sorrindo quando nos encontramos pouco depois, e perguntei o que tinha lhe dito o Roberto.

“E’ um segredo — me disse — e é preciso que ninguém mais saiba.

Roberto é culpado da única espécie de ação que um rapaz tem mesmo vergonha de confessar... êle está fazendo uma **bôa ação**. A senhora mãe dêle é inválida, e a irmã mais velha que em geral cuida da casa, está no hospital para se operar, e por isso o Roberto passa as noites limpando a casa, lavando e cozinhando para a sua mãe. E’ impossível esperar que um garoto de quatorze anos vá contar coisas ao seu monitor, mas você sabe, eu fiquei orgulhoso que êle não se incomodou de contar tudo à mim!”

(Traduzido do “The Scouter”, de outubro de 1954).



30.º Aniversário da U. E. B.



No dia 4 de novembro a União dos Escoteiros do Brasil completou o seu 30.º aniversário de fundação. Festejando esta efeméride escoteira realizou em sua sede uma sessão solene em que usaram da palavra diversos de seus diretores e teve a presença do representante do Escritório Internacional Escoteiro, Chefe Jean Salvaj. A todos os presentes foi servida uma mesa de doces e refrigerantes.

Os Escoteiros de Portugal no A. I. P.

Numa prova confortadora do progresso do escotismo em Portugal, a representação de 14 escoteiros e 1 chefe, que a Associação dos Escoteiros de Portugal enviou ao Brasil, para tomar parte no Acampamento Internacional de Patrulhas, foi uma das que mais se destacou, impondo-se por sua disciplina, trabalho e entusiasmo. Os Escoteiros Portugueses, impondo-se por sua correta apresentação, por seus uniformes impecáveis, pelo valor de seus elementos, pelo destaque que sempre conquistavam, seja num Fogo de Conselho, num desfile, num trabalho de campo, em sua cozinha sempre com tantos admiradores e "penetras", etc.; trouxeram a melhor contribuição para esta reunião internacional escoteira. Seu chefe Albano da Silva, cujo alto espírito escoteiro, lhaneza de trato, conhecimento escoteiros todos admiram a que já tomou parte em diversos Jamborees e outras reuniões escoteiras internacionais escoteiras, concedeu ao mensário "Sempre Pronto" dos Escoteiros de Portugal, da qual vamos transcrever alguns trechos para conhecimento de nossos leitores:

Na descolocação dos escoteiros portugueses ao Acampamento Internacional de Patrulhas, no Brasil, teve ação preponderante no êxito desse empreendimento, o chefe sr. Albano da Silva, nosso estimado amigo, que foi escolhido, com toda a justiça, para o difícil encargo de chefiar essa Delegação.

Como desejássemos ouvir diretamente a sua opinião sobre o notável acontecimento, convidamo-lo a confiar-nos as suas impressões, a que acedeu com toda a prontidão.

E assim surgiu a primeira pergunta:

— Diga-nos, chefe Albano da Silva, mereceu realmente a pena ir ao Brasil?

— Mereceu, — responde o nosso amigo peremptoriamente. — Os nossos escoteiros tiveram uma oportunidade excelente de confraternizar com os seus irmãos brasileiros e de outras nações representadas e de, junto deles, prestigiar o escotismo português e o nome de Portugal.

— E qual foi o comportamento dos seus subordinados no acampamento?

— Senti bem a minha responsabilidade. Era preciso que nem um milímetro descesse o grande prestígio de que no Brasil goza o nosso País. Por isso exigi muito dos que me foram dados com a classificação de "non plus ultra" e exigi imenso dos novos com pouca preparação.

"Os rapazes corresponderam. Todos contribuíram com o seu quinhão para se conseguirem apresentar uma turma que prestigiou a A.E.P. e honrou o País. Dizem que foram os melhores. Não devo ir tão longe na classificação. Em todo o caso não foram inferiores aos outros e no paquete, nos hotéis e até nos salões que frequentaram, comportaram-se de modo a só merecerem louvores. E, como sabem, isto de estar à mesa e não sorver a sopa nem esgrimir com os talheres nem beber com os cotovelos grudados à mesa, não é para todos! Até nos bailes fizeram figura.

"Enfim, só atendem à sua popularidade.

Foram sobretudo nove belos dias de acampamento, em que todos deram ótimas provas de camaradagem. Em documento que espontaneamente nos foi entregue pelo competantíssimo chefe brasileiro J. Spina, ao qual já se tem chamado "o Baden-Powell do Brasil", se afirma que a Delegação que melhor o impressionou em São Paulo, foi a constituída pelos bravos escoteiros portugueses. Frequentemente se afirmava que os portugueses constituíam, na verdade, uma excelente turma, e acrescentava-se, por vezes, e com graça, "muito bem apresentados e com aspecto de muito bem alimentados".

— E no fogo do conselho, como se portaram os portugueses?

— Bem, muito bem. Dizia-se que eram os mais ovacionados. Não medi a intensidade nem a duração dos aplausos. Parece-me, no entanto, que havia por eles especial simpatia. O número que particularmente agradou: o vira cantado e dançado. Pena foi que não se tivesse levado indumentária adequada.

"A marcha-canção da autoria do chefe Pina, dedicada a São Paulo, causou sucesso e foi muito bem cantada pelos 14 rapazes, verdadeiramente com emoção e aplaudida no momento em que se prestou homenagem à Cidade.

"Quero contar-lhe um fato curioso — diz-nos o chefe Albano da Silva. — O nosso material, especialmente os baldes, chuveiros, lavatórios e bacias de lona, causaram enorme sucesso e provocaram um assalto de freguesia. Um chefe boliviano não me largou enquanto não lhe fiz venda de um chuveiro, que queria levar, não para usar, mas como trofeu! Aos chefes brasileiros (Mós, Geraldo, Vasconcelos, Dias e outros), fiz oferta de várias peças de material. Havia

pretendentes às tendas de campanha, aos saco-mochila, às marmitas... O meu saco de dormir foi vendido a um sacerdote boliviano, que me tentou a fazê-lo. Ainda perdi no negócio, pois fui levado a fazer um desconto apreciável, entregando ainda como "bônus" o canivete cromado que o Wolfgang Karl me oferecera no momento da partida para o Brasil".

Aproveitando o entusiasmo com que o chefe Albano nos falava, atrevemo-nos a fazer mais perguntas:

— Que tal foi a vida no campo?

O nosso entrevistado, retomando o fio da conversa, continua:

— Os rapazes, as patrulhas, viviam a sua vida, e nós, Dirigentes, vivíamos a nossa, confraternizando, trocando úteis impressões, ouvindo até desabafos. Alguns entretenham-se também com as permutas de artigos de uniforme, insígnias, etc. Nisso é que houve talvez concorrência desleal aos rapazes e da parte de alguns parece-me mesmo que era essa a sua principal preocupação. Não sei se felizmente ou infelizmente nunca me senti inclinado a essas trocas...

"Houve realmente muitos adultos no Acampamento, mas disso deve ter resultado vantagem. Por mim falo. Afastado das lides campistas há cerca de 21 anos, soube-me bem, fez-me certamente bem, viver naquele ambiente saudável, sob todos os aspectos, durante nove dias. Confesso que tencionava, à cautela, ficar no Acampamento apenas dois ou três dias. Afinal deixei-me ficar, positivamente encantado, durante todo o período do acampamento. Na tenda onde me instalaram, encontrava-se também o Chefe Nacional dos Escoteiros da Bolívia, o Chefe da Região do Estado do Rio e o Chefe Regional do Distrito Federal. Encontrava-me, portanto, em ótima companhia".

— Qual foi a Delegação que mais lhe agradou?

— Foi a do Rio Grande do Sul.

— E fizeram por lá novas amizades?

— O maior número possível. Os brasileiros, êsses pareciam já conhecidos de longa data. O que se pretendia era que os rapazes vivesse durante 9 dias uma vida sã, em boa companhia e em condições de ser permitida a confraternização de todos os participantes. Isso se conseguiu em absoluto. Os portugueses fizeram bem a diligência por arranjar o maior número de amizades e, em relação ao efetivo da sua Delegação, devem ter sido os vencedores do "campeonato da amizade", o único que realmente nos interessava.

"O Acampamento era superiormente dirigido por uma bela equipe de chefes brasileiros, alguns dêles possuidores da "insígnia de madeira". Quase tudo decorreu à medida dos seus desejos, mas como bons escoteiros que são, queriam mais e melhor".

Não tivemos coragem para fazer mais perguntas. Agradecemos ao chefe Albano da Silva a gentileza com que nos atendeu e felicitamo-lo sinceramente pelo êxito da sua missão. O "Sempre Pronto", que tem sido, e diligencia ser cada vez mais, um traço de união entre os irmãos escoteiros do Brasil e de Portugal, alegra-se com o êxito dêste grande acontecimento do mundo escotista e envia também daqui o seu abraço de saudações e felicitações sinceras a todos os dirigentes esconteiros da U.E.B.



Acampamento Internacional de Patrulhas

RELAÇÃO GERAL DAS DELEGAÇÕES

PAÍSES	Escoteiros	Pioneiros	Chefes	Total
Alemanha	1	—	2	3
Argentina	18	—	15	33
Bolívia	17	3	5	25
Chile	16	1	9	26
Cuba	—	—	1	1
Holanda	—	—	2	2
Japão	—	—	1	1
Paraguai	6	—	1	7
Portugal	14	—	1	15
Síria	—	—	1	1
Uruguai	22	11	4	37
Venezuela ...	—	—	1	1
Brasil (exceto São Paulo).	351	22	58	431
São Paulo	112	16	26	154
Diretores Diversos	—	—	11	11
Total	557	53	138	748

História curiosa de uma fotografia

Em 1929, uma senhora fidalga de Ponta Delgada, desejosa de dar uma educação eficiente a um seu filho, escreveu à Associação dos Pais da América sôbre o filho pedindo conselho. Esta Associação aconselhou o Escotismo e a referida senhora escreveu à *Boy Sounts of America* pedindo esclarecimentos sôbre a possibilidade de fundar um Grupo em Ponta Delgada.

A Associação americana encaminhou o pedido para a Repartição Internacional de Escotismo e esta apresentou a referida senhora à Associação dos Escoteiros de Portugal. Depois de diversas instruções e esclarecimentos prévios por correspondência, a senhora convidou um Dirigente escoteiro a ir aos Açores tratar diretamente da organização do Grupo de Escoteiros.

O chefe indicado foi o sr. Albano da Silva, que se fêz acompanhar do chefe Edmundo Lima Basto, hoje ilustre professor de cirúrgia. Nessa altura, foi tirada uma fotografia em que o aspirante a escoteiro, filho da senhora fidalga, se encontra ao centro.

O chefe David M. de Barros, passou em Lisboa nesse ano e achou êste fato tão interessante, uma senhora interessar-se pela fundação de um Grupo de Escoteiros na sua cidade para nêle fazer ingressar o seu filho e auxiliar a sua educação, que pediu a fotografia para acompanhar um artigo a publicar num jornal brasileiro.

Albano da Silva mostrou-se interessado na fotografia e perguntou quando a devolvevia, ao que David de Barros retorquiu: "Quando você a for buscar ao Brasil".

E, 25 anos depois, Albano da Silva, foi ao Brasil. David de Barros cumpre escoteiramente a sua promessa e devolve a fotografia com a seguinte dedicatória:

"Cumprindo a promessa, feita em 1929, de entregar esta fotografia ao prezado irmão escoteiro Albano da Silva, se êle a viesse buscar ao Brasil, aqui a restituo, com minhas sinceras felicitações pelo brilhantismo da sua atuação à frente dos Escoteiros Portugueses, que muito alto ergueram o nome do Escotismo de Portugal".

20-8-54.

David Barros

Esta é a curiosa história de uma fotografia originária por um acontecimento interessante, em que o valor do Escotismo é apreciado por uma Mãe preocupada pela

educação do filho, história que termina pelo testemunho sincero de um chefe escoteiro competente, acêrca da atuação da Delegação de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas.

(Do mensário "Sempre Pronto" dos Escoteiros de Portugal).



A saudação do Lobinho

Um conto de Mao — Sub-Comissário de Lobinhos. (Traduzido da revista "The Scout")

Caros Lobos,

Tive um choque tão grande no outro dia! Um menino desconhecido disse-me "obrigado". Mal havia eu aberto uma porta de vai e vem no Departamento dos Correios quando diversas pessoas passaram por mim empurrando. Porém apenas uma delas me disse: "obrigado" e esta éra o garoto.

Depois vi a cabeça de lobo na casa de um dos seus botões, e eu o saudei e êle me saudou e ambos nos sentimentos exultantes.

Uma das leis do Escoteiro é "ser cortês" o que significa polido, e esta é uma coisa que os lobinhos devem praticar antes de "subirem".

E' tremendamente fácil dizer "obrigado", mas é tremendamente fácil esquecer de dizê-lo. Quantas vêzes por dia VOCÊ o diz? Tão frequentemente quanto diz "por favor" ou "posso" ou "mi dá"...?

Tente um dia contar, apenas por uma hora.

Outra forma especial pela qual um Lobinho pode ser cortês é saudando qualquer outra pessoa que seja Escoteiro ou Escotista. A saudação é na realidade uma senha secréta. Ela

significa "Eu sou um lobinho e você e eu somos irmãos e eu estou muito contente porque acho isso divertido, você também não acha?"

Tudo isso com dois dedos.

Apesar disso, frequentemente, quando saúdo Lobinhos que encontro por acaso, êles me olham como se eu fôsse o tipo de um Lobo Velho que tivesse escapado do Zoológico. Por favor, respondam com a saudação, quando os saúdo!



Escotismo, viveiro de esperanças

O "Correio do Ceará" que se publica em Fortaleza, a 26 de outubro findo, publicou o seguinte artigo que bem reafirma o excelente trabalho que a Região Escoteira do Ceará vai realizando e o bom apôio que vem merecendo de todos, como do Rotary Club e outras entidades e autoridades. Eis o referido artigo.

O Rotary Club de Fortaleza, entidade que congrega as expressões mais altas do nosso mundo social e econômico, acaba, graças à iniciativa dos srs. Cláudio Martins e Orlando Mota, de iniciar uma salutar campanha de auxílio ao escotismo no Ceará.

Difícilmente poderia o Rotary idealizar uma lembrança mais simpática e alvissareira, pois o movimento escotista em todo o mundo civilizado pode ser classificado com uma verdadeira forja de esperanças. Das suas fileiras para os embates da vida homens saudáveis de corpo e de alma, além de cidadãos com esmerada educação cívica, sabendo amar a sua pátria e à humanidade com o amor dos fortes e dos dignos.

Tem o escotismo no Ceará um verdadeiro apóstolo na figura sorridente e idealista de Jorge Moreira da Rocha. Integrado desde jovem no grande movimento universal, de vez que a êle se filiou no recuado ano de 1914, Jorge Moreira da Rocha há muito tempo luta com o desenvolvimento do núcleo que em boa hora fundou entre nós.

Muitos já passaram pelas fileiras do escotismo nesta "terra dos verdes mares", abandonando-o por motivos estranhos e variados. Recordamos, neste momento, o desportista e agrônomo Guaraci Lavor um dos baluartes do escotismo que, ao lado de Jorge Moreira da Rocha muito fez para que o ideal de servir à humanidade se desenvolvesse o mais possível no Ceará.

Assim vão passando aqueles que o destino pôs fora da rota seguida indormidamente pelo Chefe-Vovô, como chamam os escoteiros do Ceará ao sr. Jorge Moreira da Rocha. Mas êle ficou e continua, levando à frente a sua obra gigantesca, sem outro auxílio senão o do seu trabalho e do seu entusiasmo.

Dentre as reivindicações por que lutam os escoteiros cearenses, destaca-se, sem dúvida alguma, a aquisição da casa própria, a qual, além de servir de séde ao movimento, de futuro estender-se-á para a moradia de quantos necessitem da ajuda dos escoteiros.

Por tão altos e assinalados serviços, já prestados silenciosa e continuamente pelo escotismo ao Ceará, resolveu Rotary Club, seguindo a sua tradição de bem servir, ajudar os seus dirigentes.

A semente da campanha de auxílio ao movimento escotista está, assim, lançada pelo Rotary. E os louvores de que a agremiação irá se tornar credora, decerto, não podem ser aferidos no momento.

O escotismo é, antes de tudo, uma escola, o que equivale dizer que é um trabalho para o futuro. Na verdade êle está contribuindo, de modo valioso e decisivo para a formação de milhares de pequenos brasileiros que possuem a ventura de militar nos seus quadros.

Num campo de escoteiros se aprende a trabalhar, a servir, a solidarizar-se com as angústias e sofrimentos alheios. Mas aprendem-se, preferentemente, o senso da objetividade, as atitudes varonis, os atos de renúncia, de coragem, de abnegação e confiança.

Para que o homem do futuro seja digno de viver, trabalha o escotismo e agora o Rotary Club, auxiliando os jovens escoteiros, filia-se também no exército dos que preparam as gerações que realizarão a grande esperança que não soubemos construir.



SEDE PRÓPRIA PARA A REGIÃO ESCOTEIRA DO ESTADO DO RIO

Estão de parabens os escoteiros fluminenses, com o sancionamento pelo governo do Estado do Rio, do projeto de lei n.º 2.299, de 20 de Novembro de 1954, oriundo da Câmara dos Deputados Fluminense, e de autoria do deputado Luiz Erthol, doando à Região Escoteira do Estado do Rio, um terreno situado na rua Dr. Celestino, em Niterói, para a construção da séde própria daquela entidade Regional.

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

ENDEREÇOS DAS REGIÕES ESCOTEIRAS DE:

AMAPÁ — DEPARTAMENTO DE ENSINO.

MACAPÁ — TERRITÓRIO DO AMAPÁ.

AMAZONAS — CORRESPONDÊNCIA ENDEREÇADA AO CH. DR. LUIZ AMERICO NUNES DE MELLO — COMISSARIO REGIONAL — RUA DOS ANDRADAS, 361.

MANAUS — AMAZONAS.

PARÁ — CAIXA POSTAL, 766.

BELÉM — PARÁ.

MARANHÃO — RUA JOSÉ A. CORREIA, 486.

SÃO LUIZ — MARANHÃO.

PIAUI — RUA SOUZA MARTINS, 713.

PARAÍBA — PIAUÍ.

CEARÁ — RUA GENERAL SAMPAIO, 857-SALA 3.

FORTALEZA — CEARÁ.

RIO GRANDE DO NORTE — RUA GENERAL FONSECA E SILVA, 1103.

NATAL — RIO GRANDE DO NORTE.

PARAÍBA — COLÉGIO PIO X — PRAÇA DA INDEPENDENCIA.

JOÃO PESSOA — PARAÍBA.

PERNAMBUCO — CAIXA POSTAL, 1049.

RECIFE — PERNAMBUCO.

BAHIA — CAIXA POSTAL, 767.

SALVADOR — BAHIA.

ESPIRITO SANTO — CORRESPONDÊNCIA ENDEREÇADA AO CH. ALOYSIO PEREIRA DOS SANTOS — COMISSARIO REGIONAL — ADMINISTRAÇÃO DO PORTO DE VITÓRIA.

VITÓRIA — ESPIRITO SANTO.

GOIÁS — CAIXA POSTAL, 374.

GOIANIA — GOIÁS.

MINAS GERAIS — RUA DA BAHIA, 570 — 4.º ANDAR.

BELO HORIZONTE — MINAS GERAIS.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO — RUA DR. CELESTINO, 136.

NITEROI — ESTADO DO RIO DE JANEIRO.

DISTRITO FEDERAL — PRAÇA MARECHAL ANCORÁ, s/n (EDIFÍCIO DA SAÚDE DO PORTO)

CAIXA POSTAL, 4.033 — RIO DE JANEIRO (D. F.).

SÃO PAULO — RUA FREDERICO ALVARENGA, 33.

SÃO PAULO.

PARANÁ — RUA ALFERES POLI, 52.

CURITIBA — PARANÁ.

SANTA CATARINA — RUA CRISPIM MIRA, 35.

FLORIANÓPOLIS — SANTA CATARINA.

RIO GRANDE DO SUL — CAIXA POSTAL, 2317.

PORTO ALEGRE — RIO GRANDE DO SUL.

A alegria do acampamento!



*Dois símbolos
que inspiram
confiança!*

